

Maria Cecília Nogueira Linardi

MEMÓRIA URBANA

*Uma Análise Espacial da Praça Central
de Santa Bárbara d'Oeste, SP*

Fiel a seu compromisso de contribuir para a formação da cidadania cultural de sua comunidade, a Fundação Romi não poderia deixar de apoiar a iniciativa da Universidade Metodista de Piracicaba em pesquisar e divulgar as transformações urbanísticas e arquitetônicas de umas das áreas mais importantes do município de Santa Bárbara d'Oeste e sua correlação histórica com os valores, símbolos, práticas e culturas do contingente de pessoas que usufruíram do local e interferiram na sua transformação. O reconhecimento destes valores e símbolos pela população permitirá a reflexão da importância do seu resgate histórico em sua interação nos movimentos de busca pela qualidade de vida, estilos, hábitos e expectativas futuras.

Liu Fat Kam

Superintendente da Fundação Romi

MEMÓRIA URBANA

**análise espacial da praça central
de Santa Bárbara d'Oeste/SP**

Maria Cecília Nogueira Linardi

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA

REITOR

Almir de Souza Maia

VICE-REITOR ACADÊMICO

Ely Eser Barreto César

VICE-REITOR ADMINISTRATIVO

Gustavo Jacques Dias Alvim

EDITORA UNIMEP

CONSELHO DE POLÍTICA EDITORIAL

Almir de Souza Maia (presidente)

Antonio Roque Dechen

Cláudia Regina Cavaglieri

Elias Boaventura

Ely Eser Barreto César (vice-presidente)

Gislene Garcia Franco do Nascimento

Gustavo Jacques Dias Alvim

Marco Polo Marchese

Nivaldo Lemos Coppini

COMISSÃO DE LIVROS

Gustavo Jacques Dias Alvim (presidente)

Angela M. C. Jorge Corrêa

Belarmino Cesar Guimarães da Costa

Dorothee Susanne Rüdiger

Maria Guiomar Carneiro Tomazello

Nádia Kassouf Pizzinatto

EDITOR EXECUTIVO

Heitor Amílcar da Silveira Neto

MEMÓRIA URBANA

**análise espacial da praça central
de Santa Bárbara d'Oeste/SP**

Copyright © 2001 da Editora Unimep

Linardi, Maria Cecília Nogueira

Memória Urbana: análise espacial da praça central de Santa Bárbara d'Oeste/SP. Piracicaba: Editora Unimep, 2001.

99p. 21 x 23 cm.

ISBN 85-85541-30-X

1. Santa Bárbara d'Oeste – praça central
2. Santa Bárbara d'Oeste – memória urbana
3. Santa Bárbara d'Oeste – patrimônio histórico

CDU – 981.612SBO

Coordenação Editorial

Heitor Amílcar da Silveira Neto

Secretária

Ivonete Savino

Assistente Administrativo

Altair Alves da Silva

Edição de Texto

Milena de Castro

Bolsistas Trabalho

Fernanda Stênico

Nilson César de Sousa

Ficha Catalográfica

Regina Fraceto

GRÁFICA UNIMEP

Coordenação

Carlos Terra

Editoração Eletrônica

Cia. Editorial

Jorge A. C. Henrique dos Santos

Revisão Gráfica

Juraci Vitti

Tratamento de Fotos

Jorge A. C. Henrique dos Santos

Capa

Wesley Lopes Honório

Impressão

Yangraf Gráfica e Editora

EDITORA UNIMEP

www.unimep.br/editora

Rodovia do Açúcar, Km 156

13400-911 – Piracicaba/SP

Telefone/fax: (19) 3124-1620 / 1621

E-mail: editora@unimep.br



Fundação Romi

APOIO CULTURAL

Av. Monte Castelo, 1.095 – Jd. Primavera

Fone: (19) 3455-1055 – Fax: (19) 3455-1345

13450-285 – Sta. Bárbara d'Oeste/SP

www.fundacaoromi.org.br

E-mail: fundacaoromi@fundacaoromi.org.br

O HOMEM MODERNO

É INCAPAZ DE RECORDAR-SE

WALTER BENJAMIN

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
APRESENTAÇÃO	11
1. MEMÓRIA URBANA E TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS	13
2. ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: PARÂMETROS PARA ANÁLISE	17
3. A PRAÇA CEL. LUIZ ALVES E O JARDIM PÚBLICO	21
4. A GÊNESE DA PRAÇA CENTRAL	25
5. OS PRIMEIROS ANOS DA PRAÇA	27
6. A DÉCADA DE 30	37
7. INÍCIO DOS ANOS 40	45
8. A PRAÇA NAS DÉCADAS DE 50 E DE 60	55
9. DOS ANOS 70 AOS DIAS ATUAIS	71
10. CONCLUSÃO	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
FUNDAÇÃO ROMI / ARQUIVO HISTÓRICO	99

PREFÁCIO

Fiel a seu compromisso de contribuir para a formação da cidadania cultural de sua comunidade, a Fundação Romi não poderia deixar de apoiar a iniciativa da Universidade Metodista de Piracicaba em pesquisar e divulgar as transformações urbanísticas e arquitetônicas de umas das áreas mais importantes do município de Santa Bárbara d'Oeste e sua correlação histórica com os valores, símbolos, práticas e culturas do contingente de pessoas que usufruíram do local e interferiram na sua transformação. O reconhecimento destes valores e símbolos pela população permitirá a reflexão da importância do seu resgate histórico em sua interação nos movimentos de busca pela qualidade de vida, estilos, hábitos e expectativas futuras.

À Maria Cecília Linardi e aos demais participantes desta obra, o nosso reconhecimento, pela iniciativa, que, com certeza, evitará que se apaguem marcas importantes do cotidiano e da experiência social vivenciada por significativa parcela da nossa população.

LIU FAT KAM
Superintendente da Fundação Romi

APRESENTAÇÃO

A pesquisa aqui trazida a público tem uma história. Resulta de um processo de reconhecimento da cidade paulista de Santa Bárbara d'Oeste enquanto um laboratório de estudos, na medida em que representa uma referência espacial imediata às disciplinas que ministrei no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), *campus* de Santa Bárbara, nos últimos anos.

Resulta, portanto, da oportunidade e motivação em aprofundar um pouco mais algumas particularidades locais, debatidas no ambiente universitário.

Nesse sentido, devo afirmar a cumplicidade e a participação dos alunos do Curso de Arquitetura nesta pesquisa, cujo estímulo proporcionou tal realização. De forma significativa, destaco o envolvimento do aluno Rafael Henrique de Oliveira, acompanhando toda a pesquisa como estagiário, e ainda as contribuições das alunas Ana Verginia Fernandes e Vânia Rossini.

É preciso registrar ainda o apoio recebido do ex-diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-UNIMEP), prof. Hélio Dias da Silva, para a realização deste trabalho.

Particularmente cabe salientar a ajuda extremamente valiosa prestada pela Fundação Romi, em Santa Bárbara, ao possibilitar o acesso ao Arquivo Histórico da instituição, através de seu responsável, Antonio Carlos Angolini, dispondo o material de sua pesquisa e o conhecimento sobre a realidade local que tem acumulado, especialmente sobre nosso objeto de estudo, com empenho e dedicação peculiar àqueles que se entregam à prática da pesquisa. Vale ainda destacar que a coletânea de fotos e informações diversas desse acervo sobre a praça central de Santa Bárbara d'Oeste foi o que viabilizou a realização do presente trabalho. A partir do conjunto de condições substancialmente favoráveis proporcionado pelo Arquivo Histórico, foi possível contar um pouco da história da Praça Cel. Luiz Alves, de sua gênese aos dias atuais.

Agradecemos a todos que, sob diferentes formas, também participaram desse percurso.



Procuramos, mediante um estudo histórico, resgatar as transformações espaciais ocorridas na Praça Cel. Luiz Alves – localizada na área central da cidade de Santa Bárbara d'Oeste, no Estado de São Paulo –, de sua construção na segunda metade do século XIX aos dias de hoje. É relevante seu significado, tendo constituído, ao longo de sua existência, um forte elemento estruturador na malha urbana dessa cidade.

Nesse sentido, parece-nos fundamental investigar as sucessivas transformações no desenho urbano da referida praça, a partir da sua delimitação inicial.

Buscamos, a partir da análise de informações históricas, a reconstrução de um cenário espacial, de modo a compreender a dimensão das mudanças, reformas e ampliações desse conjunto urbano, tanto no âmbito espacial quanto em relação às formas de uso e de apropriação cotidiana pelos usuários. Portanto, as mudanças e transformações aqui abordadas transcendem o limite da configuração física em sentido estrito, ao abarcar também alterações quanto ao uso cotidiano dessa praça.

Conduzimos o leitor a observar o ritmo de tais transformações, por meio de comparações da configuração desse logradouro público – praça, igreja e entorno imediato – na atualidade em relação a algumas décadas atrás, ficando evidente o intenso processo de renovação espacial nela ocorrido.

Algumas indagações estiveram presentes durante esta análise e, na verdade, foram nosso eixo de reflexão, norteando a organização das informações, relativamente dispersas, obtidas no período histórico em questão. Vale afirmar algumas dessas indagações:

1. quais objetivos, implícitos ou não, conduziram tais sucessivas intervenções/transformações espaciais e quais aqueles relacionados às suas formas de uso?;
2. qual o contexto histórico nos momentos em que mudanças significativas ocorreram nesse logradouro?;
3. como a concepção espacial da praça, em particular, expressou um conteúdo diferenciado em cada um desses contextos históricos em que se deram mudanças?;
4. quais evidências espaciais na atualidade foram mantidas ou preservadas, em relação aos momentos precedentes?

Buscando responder a estas indagações, apresentamos o presente trabalho, tendo em vista contribuir com a divulgação e a preservação do patrimônio, assim como da memória da história do País. Vale ainda dizer que, por se tratar de um estudo empírico sobre um fragmento da realidade brasileira, espera-se que o resultado possa colaborar com a própria reciclagem das teorias em uso, na medida que as aproxima à realidade.

Apresentamos aqui mais que um conjunto de documentos, informações históricas diversas, que atestam o desenrolar histórico do referido espaço urbano. Induzimos, também, o leitor a refletir conosco, mesmo que no plano das hipóteses prováveis, a respeito de um possível redesenho dessa praça. Assim, desde já alertamos que não se trata de um trabalho que encerra-se nele próprio, mas que pretende despertar para um convite à prática da criação, ao sugerir um desdobramento dessa pesquisa, em outro momento caracterizado por uma proposta projetual: necessitaria tal logradouro de um novo desenho urbano?

1. MEMÓRIA URBANA E TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS

Os espaços construídos encontram-se em constante processo de transformação. Particularmente em se tratando de cidades, observamos o caráter extremamente dinâmico dessas transformações, com intensidades variáveis, em função das características de cada contexto.

Ocorrem mudanças em termos de economia, política, relações sociais e também no âmbito espacial, com adaptação às novas exigências e características da sociedade. “A paisagem não tem nada de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem para se adaptar a novas necessidades.”¹

Contudo, tais transformações não implicam necessariamente uma postura de negação, nem mesmo a superação absoluta do já existente, substituindo-o completamente por uma inovação. Mas, ao contrário, encontramos com frequência resquícios de elementos anteriores convivendo com essas inovações.

Assim, observamos que, ao longo do tempo, o suporte físico é reconstruído segundo novas determinações. O tempo tende

a imprimir sua marca nesse suporte, transformando-o: o espaço atual nada mais é do que “uma acumulação desigual de tempos”.²

Fica implícito, nessa construção/renovação do espaço, um viés temporal. “O tempo é fundamental para compreender o território como objeto físico e também para posicionar a intervenção do arquiteto: intervenção num dado momento que modifica a forma existente e que poderá também sofrer um processo de evolução.”³

As transformações espaciais acontecem no plano da aparência física do ambiente construído, e também em termos da sua produção e utilização. Trata-se, na verdade, de transformações no âmbito da sua aparência e da sua essência.

Nessas sucessivas transformações, os objetos construídos, por serem até certo ponto fixos, constituem a representação e testemunho de uma época. Concordamos com Santos⁴ quando afirma que o conjunto de elementos que compõem a paisagem urbana tende a assumir a função de testemunhos de valores, fatos e recordações, representações vivas da condição humana; a cidade e a arquitetura significam a história representada em suas praças, monumentos, bairros, sendo este suporte de tem-

¹ SANTOS, M., 1982, p. 9.

² *Ibid.*, p. 18.

³ LAMAS, s/d, p. 11.

⁴ SANTOS, 1984, p. 100.

pos diferenciado na memória coletiva. Se, por um lado, essa paisagem é repleta de elementos construídos em constante transformação, que refletem o registro de valores dos indivíduos e de uma coletividade, por outro, esta mesma paisagem tende a ampliar o repertório de informações dos usuários/construtores.

Inerente a qualquer organismo vivo estão as constantes mudanças e, por que não, transformações. A cidade não foge desse particular. Entretanto, parece difícil apreender a dimensão de tais transformações em sua totalidade. Portanto, sugerimos observá-la em função de diferentes fragmentos que a compõem: percorrendo as ruas da cidade, segundo interesses variados, podemos observar essa multiplicidade de elementos.

A cidade não é apenas um objeto perceptível (e talvez apreciado) por milhões de pessoas das mais variadas classes sociais e pelos mais variados tipos de personalidades, mas é o produto de muitos construtores que constantemente modificam a estrutura por razões particulares. Se, por um lado, podem manter-se as linhas gerais exteriores, por outro, há uma constante mudança no por-menor. Apenas parcialmente é possível controlar o seu crescimento e a sua forma. Não existe um resultado final, mas somente uma sucessão de fases.⁵

É justamente sob a visão das transformações espaciais desses fragmentos que buscamos relacionar a questão da memória ao ambiente construído. Detectamos a presença da memória em qualquer manifestação da vida cotidiana, sob a forma de lembranças dispersas ou não, em que lembramos a casa materna, os cantos, os lugares que nos foram particulares, onde nos sentimos mais acolhidos.

Da minha janela a rua profunda, solene, compacta.

Lojas abaixo da rua onde lâmpadas ficam acesas o dia todo, à sombra de fachadas com varandas pesadas, frontarias de gesso sujo com arabescos e emblemas heráldicos em relevo. Todo bairro é assim: rua que dá para rua, de casas semelhantes à arruinados cofres monumentais atulhados de objetos de valor manchados e mobília de segunda mão de uma classe média falida.

Sou uma câmara com obturador aberto, passiva, que registra, não pensa. Que registra o homem se barbeando na janela em frente e a mulher de quimono lavando o cabelo. Algum dia tudo isso precisará ser revelado, cuidadosamente copiado, fixado.⁶

Tal identificação em relação a elementos que nos são preciosos, por representarem objetos de consumo ou, ainda, relíquias de família, como afirma Bosi,⁷ não constitui na verdade uma particularidade de nossa sociedade. Nesse sentido, a importância da memória, do registro acerca dos fatos e coisas, não é uma questão menor. Mas, ao contrário, remete-nos à própria demarcação de um território, nos acompanhando ao longo de nossa vivência cotidiana, na qual nos deparamos entre a mobilidade e a permanência.

Se a mobilidade e a contingência acompanham nosso viver e nossas interações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos a quietude, a disposição tácita mais expressiva. Mais do que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos que nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade.⁸

Se é possível afirmar que o indivíduo, mediante o uso de registros contidos na memória, é capaz de localizar-se em um

⁵ LYNCH, 1980, p. 12.

⁶ SHERWOOD, 1985.

⁷ BOSI, 1987.

⁸ *Ibid.*, p. 360.

determinado contexto e referenciar-se por esses parâmetros, podemos ainda entender que um conjunto de indivíduos tem como exteriorizar ainda tal manifestação de forma global: nesse sentido, ocorrem manifestações da presença da memória coletiva.

“O local é o mesmo, a terra é a mesma e as emoções são as mesmas, vividas por pessoas diferentes, em épocas diferentes.”⁹

“Por detrás de suas transformações permanecem vivas nossas lembranças, nossos sonhos, nossa alegria, enfim nossa juventude. Seus eternos admiradores.”¹⁰

Considerando ainda que a memória se faz presente no cotidiano, é esperado que a perda do elo que nos une às experiências espaciais já vividas, mesmo em se tratando de um possível desenraizamento em relação aos referenciais existentes, possa conduzir a um processo de desagregação da memória.

Atualmente, a proliferação dos objetos e a velocidade das inovações, que ocorrem em ritmos cada vez mais intensos, implicam uma produção de objetos e de valores marcada pela ausência de raízes, ou mesmo sem referência ao momento anterior. Ao contrário, parecem estar revestidos de certa descartabilidade latente. Testemunhamos hoje em dia a possibilidade da manifestação da obsolescência precoce dos objetos e fatos, abalando a própria consistência da memória.

En las ciudades modernas, se há producido un grave deterioro de nuestro sentido de orientación, es decir, de nuestra conciencia de dónde estamos y quiénes somos. Las oficinas, apartamentos y comercio se amontoan sin diferenciación alguna, respondiendo a criterios que tienen más que ver con los sistemas de almacenaje

o con los precios del suelo que con los problemas de la existencia y la experiencia humana.¹¹

Vale ainda salientar que o repertório das experiências reúne informações que transcendem o nível apenas visual. Congrega dados assimilados pela totalidade de nosso corpo, na medida em que percebemos mais do que a paisagem visual alcança, porém, considerando aquilo que sentimos e tocamos; incorporamos informações também no plano olfativo, sonoro, tátil, enfim, igualmente no plano da cinestesia. “Como sugere Jane Jacobs, que o leitor levante a cabeça e olhe em volta, saia pela rua, estranhando o que, devido ao entorpecimento cotidiano, lhe parece óbvio, lógico. Aconselha mesmo que, além de olhar, ouça e, eventualmente, até cheire. Em torno de nós o tempo inteiro, o espaço dos filósofos existe de forma significativa.”¹²

Especificamente em relação à praça em estudo, as transformações ocorridas, tanto no modo de uso quanto em relação à forma física, em geral, deixaram para trás suas especificidades, como maneira de despedir-se apressadamente de um tempo presente, por acreditar-se ser algo já superado. Em breves intervalos de tempo, sensíveis transformações demarcaram sucessivamente novos momentos.

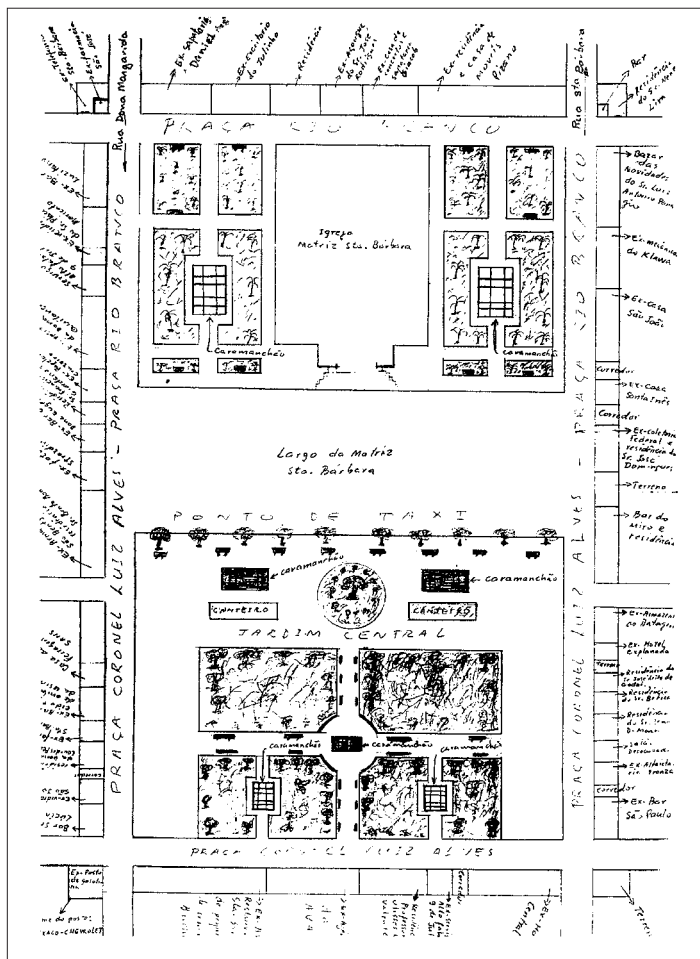
Esse aspecto poderá ser compreendido mediante leitura dos depoimentos característicos de vários momentos da história de nosso objeto de estudo, no qual pudemos verificar a presença da seguinte premissa básica: as justificativas das intervenções nesta praça trazem como marca comum o ímpeto pela renovação, enquanto maneira de alcançar o embelezamento e conquistar um patamar superior em relação ao desenvolvimento e à modernidade.

⁹ Antônio Carlos Angolini, convite para a exposição “Nossa praça”, 1996 (texto inédito).

¹⁰ Sueli Torres, “Nossa praça central”, 1993 (texto inédito, produzido por razão da comemoração do centenário da praça central).

¹¹ BLOOMER & MOORE, 1983.

¹² SANTOS, 1984.



Autor: Elpídio Pinto.

Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

Desenho da praça, representando seu entorno no final dos anos 50. Percebe-se que alguns elementos passam a fazer parte da memória de seus usuários: a delimitação simétrica dos canteiros, a fonte luminosa, caramanchões e a identificação das propriedades dos imóveis que contornam essa praça.

Tais manifestações de apego às lembranças, por um lado, remetem a momentos específicos da história da praça, por outro, significam modos de exteriorizar uma referência espacial. Alguns elementos físicos deste logradouro passaram a fazer parte da memória de seus usuários, como pudemos observar em distintos depoimentos e registros. Revela-se, por trás dessas manifestações, uma imagem espacial extremamente legível, portanto, fortemente recorrida.

A imagem 1 revela tal possibilidade de espacializar alguns elementos marcantes, como é possível notar: a simetria da praça marcada pela presença da igreja matriz, a partir da qual um eixo estrutura o espaço da circulação de pedestres no interior da praça. No mesmo desenho, compondo esse acervo da memória, encontramos a identificação dos moradores do entorno da praça, compondo com alguns elementos físicos no seu interior, um cenário integrado ao final dos anos 50.

Antes de avançarmos o estudo sobre as transformações espaciais específicas desta praça, conduziremos ainda o leitor a dois níveis de reflexões fundamentais. Primeiramente, o esboço de uma diferenciação entre espaço público e privado, e, a seguir, a apresentação de algumas particularidades relacionadas a praças e jardins públicos.

2. ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: PARÂMETROS PARA ANÁLISE

Podemos considerar que as atividades no ambiente urbano acontecem basicamente em duas esferas: no espaço público e no espaço privado. Mesmo existindo profunda articulação entre essas duas situações, desde já alertamos que o estudo proposto dirige especial atenção ao ambiente público. Destacamos, então, as atividades que acontecem em espaços abertos coletivos: espaços do deslocamento para o trabalho, para as compras, para a recreação, para as festividades, para os encontros, entre outros.

Mais que apresentar uma série de conceitos, sugerimos estabelecer alguns parâmetros para análise e, posteriormente, construir um suporte para uma possível intervenção espacial.

Se as casas são domínios privados, a rua é o domínio público. Dar igual atenção à moradia e à rua significa tratar a rua não apenas como espaço residual entre quadras e residências, mas sim como elemento fundamentalmente complementar, especialmente organizado com tanto cuidado que possa criar uma situação na qual a rua possa servir a outros objetivos além do trânsito motorizado. Se a rua como uma coleção de blocos de edifícios é basicamente a expressão da pluralidade de componentes individuais, na maior parte privados, a seqüência de ruas e praças como um todo constitui potencialmente o espaço em que deve torna-se possível um diálogo entre moradores.¹³

Sob tal aspecto é que destacamos esses dois conceitos, o *público* e o *privado*, enquanto referências espaciais associadas ao coletivo e ao individual respectivamente. “Num sentido mais absoluto, podemos dizer: público é uma área acessível a todos a qualquer momento; a responsabilidade por sua manutenção é assumida coletivamente. Privada é uma área cujo acesso é determinado por um pequeno grupo ou por uma pessoa, que tem a responsabilidade de mantê-la.”¹⁴

Porém, é importante compreender que esses dois termos existem apenas de forma relativa, e só nesse sentido podem ser compreendidos. Por exemplo, dá para se entender uma praça como espaço público em relação a sua inserção na malha urbana, mas poderá ser privada em função de um possível uso e supervisão de uma unidade de vizinhança. E, ainda, dentro da mesma praça é possível encontrar recintos que, em função dos hábitos de uso, podem vir a se constituir em espaços privados, em um contexto coletivo mais amplo.

Tal reflexão induz à elaboração de um terceiro conceito, que muito contribuirá para a análise proposta: trata-se do *espaço de transição*. O próprio termo revela tratar-se de uma passagem, de uma oscilação entre a esfera privada e a pública, costurados mediante o suporte da *transição*, ou, como sugere Hertzberger, pela presença de *intervalos*.

¹³ *Ibid.*, p. 64.

¹⁴ HERTZBERGER, 1996, p. 12.

O conceito de intervalo é a chave para eliminar a divisão rígida entre áreas com diferentes demarcações territoriais. A questão está, portanto, em criar espaços intermediários que, embora do ponto de vista administrativo possam pertencer quer ao domínio público quer ao privado, sejam igualmente acessíveis para ambos os lados, isto é, quando é inteiramente aceitável, para ambos os lados, que o “outro” também possa usá-lo.¹⁵

Complementando esse enfoque, cabe resgatar ainda a abordagem de Krier, ao apontar algumas diferenças básicas entre interior e exterior: “El espacio interior, protegido contra las inclemencias del tiempo y molestias del medio ambiente, se suele considerar como símbolo de privacidad: y el espacio exterior, por su parte, como espacio de movimiento y actividad, libre y abierto con zonas públicas, semi-públicas y privadas”.¹⁶

Particularmente destacamos a existência dos espaços públicos; neles encontramos as mais significativas manifestações da vida urbana, a síntese dos acontecimentos e características de uma época. “Os lugares urbanos são aqueles repletos de ressonâncias, sejam praças, ruas, estações de trem ou centros comerciais. Cada um deles assinala um ritual de uso e de percurso, segundo cada momento. A praça pública, local de maior expressão é, em síntese, uma cidade dentro da outra, o foro de seus habitantes.”¹⁷

Será penetrando nesse espaço, apreendendo sua tridimensionalidade, que poderemos chegar a compreender a diversidade dos elementos que o compõem: as fachadas do seu entorno, o ritmo das formas, as ondulações, a topografia, materiais e texturas, as cores, os fluxos das pessoas, a vegetação, a localização dos equipamentos urbanos e os acessos, entre outros elementos

que, em conjunto, podem favorecer tal local como ponto de encontro, conferindo sentido único a cada lugar.

Percebemos ainda que essa totalidade, composta por diferentes fragmentos, não significa apenas e simplesmente uma acomodação de atividades, mas a própria cidade é articulada a partir de antíteses: “a casa e a rua; o público e o privado; a fortaleza e a praça; o templo e a esquina; o palácio e o mercado. A opressão dialogando com a liberação através das formas que reproduzem um espaço, que só antes de ser ocupado (isto é, percebido) pode ser imaginado neutro”.¹⁸

O ambiente urbano que buscamos retratar está imerso nessa diversidade tipológica e na justaposição dos elementos construídos. Contudo, parece-nos importante destacar alguns fragmentos em especial: as vias de circulação de pedestres e de veículos; quadras, espaços cheios e vazios; densidades variadas; áreas verdes; áreas antigas, entre outras. Entretanto, demarcamos as ruas de modo geral, pois elas delimitam um espaço, estabelecem transição, permitem deslocamentos, definem quadras, assim como o contexto em que se encontram os cheios e os vazios, o público e o privado. Mencionamos aqui genericamente o espaço da circulação. Lembramos ainda que as ruas e praças se relacionam e se destacam.

Se ruas são aqui definidas como espaço da circulação por excelência, compreendemos que as praças definem-se sobretudo como espaço vazio destinado à permanência, delimitadas pelas fachadas que a cercam, pelo seu entorno.

Tanto em relação às ruas quanto às praças, é a particularidade de alguns edifícios que permitem demarcar e estruturar tais

¹⁵ *Ibid.*, p. 12.

¹⁶ KRIER, 1981, p. 17.

¹⁷ SANTOS, 1984, p. 100.

¹⁸ *Ibid.*, p. 100.

espaços públicos. Assim como o conjunto de ruas e praças podem chegar a delimitar e estruturar um bairro, um conjunto articulado deste último poderá chegar a caracterizar a cidade. Podemos dizer que ruas e praças são elementos urbanos irredutíveis.

Observamos a força desses elementos urbanos ao analisarmos o processo de formação da malha urbana de Santa Bárbara d'Oeste. A partir de padrões característicos da formação urbana da realidade brasileira, conferimos que a malha urbana local foi, sem dúvida, definida pela localização e disposição da praça central, a partir da qual, de forma ortogonal, foi sendo estabelecido o traçado das vias, os quarteirões.

Mediante o estudo das transformações espaciais dessa praça, podemos verificar que, gradativamente, foi consolidando-se uma nítida ruptura entre espaço público e espaço privado, com a flagrante ausência de um espaço de transição – perda essa consolidada ao longo da história dessa praça.

Uma rua é um universo de múltiplos eventos e relações. A expressão “alma da rua” significa um conjunto de veículos, transeuntes, encontros, trabalhos, jogos, festas e devoções. Ruas têm caráter e podem ser agitadas, tranqüilas, sedes de turma, pontos e territórios. A par de caminhos, são locais onde a vida social acontece ao ritmo do fluxo constante que mistura tudo. Um “microcosmo real” de espaços e relações que tem a ver com repouso e movimento, com dentro e fora, com intimidade e exposição. Que serve para referenciar bons e maus lugares.¹⁹

É visível a tendência, na cidade contemporânea, de um maior encerramento das atividades coletivas, antes ocorridas no âmbito da rua. Verificamos que as atividades voltadas para o encontro, para troca de informações, enfim, para manifestações coletivas tendem a acontecer, na atualidade, em ambiente priva-

do. Surge ainda como tendência, acentuada ruptura entre espaço público e privado, ao ser suprimido o espaço de transição. É flagrante tal aspecto em nosso objeto de estudo: nesse contexto, percebemos que o público e o privado realizam-se de forma estanque, abolindo a transitoriedade, tão rica entre essas duas situações.

Particularmente, pode ser verificada essa perda no recinto que se abre entre a igreja e o jardim da praça: ele não oferece uma possibilidade de transição, ao contrário, representa uma brusca separação entre o interior do edifício da igreja e o jardim. Nesse sentido, ainda apontamos a inexistência de diálogo entre o vazio da praça e as construções do seu entorno: o interior e o exterior mostram-se radicalmente separados.

Não se trata apenas da existência de uma ruptura entre duas classes de espaço; evidencia-se também a existência de outra forma de uso do espaço coletivo: assistimos a uma mudança profunda nas cidades contemporâneas, marcada pela *passagem*, e não mais pelo encontro e permanência de pessoas. Na atualidade, o ritmo dos deslocamentos impõe normas, e ao mesmo tempo as necessita, de modo a disciplinar a coletividade: por exemplo, a velocidade permitida, locais onde se possa parar, o que se deve comer e beber.

Novos ritmos e novas necessidades caminham no sentido de imprimir mudanças significativas no ambiente construído, e nos modelos de sociabilidade. Como lembra-nos Alessandri Carlos, progressivamente passamos a assistir a uma atenuação dessa sociabilidade:

A atenuação da sociabilidade é marcada pelo fim de atividades que aconteciam nos bairros, como o fim das relações de vizinhança provocado pela televisão, num primeiro momento, e pelo aden-

¹⁹ *Ibid.*, p. 102.

samento dos automóveis, em outro, que tirou as cadeiras das calçadas. Constata-se o fim das procissões, onde todos se encontravam; o fim das quermesses que marcavam o período das festas juninas; o fim dos encontros nas escolas, os ensaios das escolas de samba que antes ocorriam nas ruas dos bairros, hoje ocorrem nas quadras cobertas e fechadas, a destruição de ruas e praças em antigos bairros que acabam com pontos de encontro.²⁰

Observando as tendências nas cidades contemporâneas, os contatos e os encontros acidentais entre os homens diminuíram e tendem a desaparecer; o que passa a governar o cotidiano das pessoas é o ritmo impessoal da produção, pois agora “o urbanismo moderno trata a circulação como um fluxo. O deslocar-se, portanto, exclui o encontro, e a eficácia exclui o perambular”.²¹

²⁰ CARLOS, 1996, p. 88.

²¹ PROST, 1992, p. 123.

3.

A PRAÇA CEL. LUIZ ALVES E O JARDIM PÚBLICO

O fragmento do espaço urbano é aqui compreendido não enquanto forma residual dos espaços representados pelas quadras edificadas, mas sobretudo como local revestido de particularidades, marcado pela circulação de veículos e de pedestres, pelos encontros, pelas manifestações coletivas e celebrações, entre outras possibilidades de uso.

No contexto desse espaço público, destacamos ainda o espaço das praças e dos jardins públicos, como suporte conceitual ao nosso objeto de estudo, a Praça Cel. Luiz Alves.

O termo *praça* tem origem latina (*platea*), significando “rua larga”. Segundo Buarque de Holanda, a praça se define como lugar público, cercado por edifícios, um largo, podendo ainda caracterizar-se como mercado e feira.²²

Sob a ótica espacial, Lamas a define com um elemento morfológico das cidades ocidentais, resultante de uma intencionalidade de desenho, e não aparecendo acidentalmente.²³

Esta intencionalidade repousa na situação da praça na estrutura urbana, no seu desenho e nos elementos morfológicos (edifícios) que a caracterizam. A praça pressupõe a vontade e o desenho de uma forma e de um programa. Se a rua, o traçado, são os lugares

da circulação, a praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações da vida urbana e comunitária e de prestígio, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas.²⁴

Em busca de uma inserção histórica para esse fragmento urbano, Krier afirma que a praça é a primeira criação humana de um espaço urbano, resultado de um agrupamento de casas ao redor de um espaço livre. Acrescenta o autor que a rua é o resultado do crescimento em superfície de uma localidade, após ter sido rodeada densamente na extensão da praça central.²⁵ Nesse sentido, complementa, as praças apresentam uma configuração espacial mais delimitada, ao passo que as ruas sugerem uma possibilidade de estender-se, comunicando os terrenos e cada uma das parcelas urbanas. Krier afirma também que as ruas e praças significam os elementos básicos, por meio dos quais é possível compor a cidade, segundo arranjos formais extremamente diversos.

Complementando o aspecto morfológico, vale ainda incorporar a dimensão histórica. Assim sendo, buscando uma caracterização do sentido de *praça* na atualidade, retomamos alguns

²² BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

²³ LAMAS, s/d, p. 100.

²⁴ *Ibid.*, p. 102.

²⁵ KRIER, 1981, p. 18.

momentos na história. Verificamos, então, que as praças são bem mais antigas que os jardins públicos. Tendo como referência a praça medieval, observamos que tal espaço distinguia-se, na trama urbana bastante sinuosa de então, como um dos poucos espaços abertos, propícios a múltiplos usos, com grande participação popular, onde aconteciam o comércio, manifestações culturais, festas, enfim, atividades diversas, marcadas pela informalidade e por uma linguagem popular. Em função desse traçado sinuoso, com estreitas e tortuosas ruas, as praças medievais revelavam-se enquanto espaço aberto significativamente destacável.

Se as praças do período medieval indicavam locais em que um número razoável de pessoas se encontrava sob diferentes formas de manifestações, marcadas sobretudo pela informalidade, os jardins e passeios públicos surgem como contraponto dessa situação.

Enquanto a praça caracterizava-se como espaço público marcado pela espontaneidade e informalidade, os jardins públicos na Europa são permeados por uma cultura religiosa e aristocrata, e sob esse signo são assimiladas no Novo Mundo. É relevante notar que parques e jardins públicos foram amplamente produzidos com o desenvolvimento da urbanização européia, a partir do século XVI, implicando mudanças significativas nas principais cidades e revelando uma paisagem urbana bastante transformada.

Não podemos afirmar que todos os espaços vazios na estrutura urbana tenham a conotação de uma praça. Ainda segundo Lamas, observa-se que após o Renascimento, e em particular a partir dos séculos XVIII e XIX, é que a praça adquire presença obrigatória no desenho urbano.

De forma diferente, no Brasil, nossas praças surgiram a partir do século XVII, sobretudo ligadas aos adros das igrejas e conventos, realçando os edifícios que as acolhia. Já no século XIX, principalmente com a República, as praças também assumem caráter cívico, definindo-se de forma regular e abrigando edifícios com função cívica.

Em diferentes pontos do nosso território, o jardim público como “novo espaço urbano” foi difundido a partir do século XVIII, com função de lazer e pesquisas, sobretudo após o século seguinte, com a vinda da família real. Jardins públicos e privados multiplicam-se em especial a partir da segunda metade do século XIX, chegando a representar, de acordo com Murillo Marx, um elemento ponderável no conjunto das edificações e dos espaços vazios da cidade brasileira.²⁶

Enfatizando a diferença entres esses dois espaços, Segawa afirma que a praça configurava-se como espaço que se confunde com a própria origem do conceito ocidental do urbano, enquanto os jardins adquirem expressão a partir dos séculos XVI e XVII, concluindo que “o jardim público emerge como antítese da praça”.²⁷

Um novo elemento que contribuiu para a transformação da nossa paisagem urbana foi sem dúvida o uso da vegetação. A arborização dos espaços públicos introduzia uma nova paisagem urbana, novos hábitos sociais, revelando um outro modo de viver no ambiente urbano. “No século passado e no princípio deste, com o país independente e enriquecido pela cultura do café, aparecem jardins, parques ou ajardinamentos de praças em maior número e muito bem conservados.”²⁸

Na verdade, foi sobretudo a partir da metade do século XIX que proliferam a arborização e o ajardinamento dos espaços

²⁶ MARX, M., 1980, p. 58.

²⁷ SEGAWA, 1996, p. 15.

²⁸ *Ibid.*, p. 62.

públicos, como ruas, avenidas, largos e praças. “No final do século 19, o conceito da rua e do parque arborizado com os pulmões urbanos estava amplamente assimilado. Não apenas em sua dimensão salubrista, como por um suposto caráter cívico.”²⁹

A preocupação de criar jardins públicos e arborização de áreas urbanas existentes não se resumia aos grandes centros, mas percorria o interior, atingido também as cidades menores, onde são assimilados como inspiração, ou seu arremedo.

Foi sobretudo no início do século passado que assistimos a uma profusão de espaços públicos abertos, sob a forma de praças, parques, jardins, valorizados pela admiração e gosto pela vegetação, sob forte inspiração européia, como reflexos de avanços técnico-científico. “O início do século 20 foi um período de grandes transformações nas fisionomias urbanas de nossas cidades maiores. A criação de bulevares, o ajardinamento de avenidas e praças, a criação de recintos ajardinados foram iniciativas características das primeiras décadas da república.”³⁰

A árvore passa a configurar-se como símbolo da cultura, civilidade e do patriotismo. Na passagem do século XIX para o XX, o cenário urbano nas grandes cidades delineava um novo

valor para os espaços abertos, que transcendia as qualidades estéticas de valorização formal: eram vistos como verdadeiros reservatórios de ar puro, com grande preocupação quanto à salubridade, locais para jogos, encontros, amenidades, no agitado ambiente urbano, enfim, ensaios de novos hábitos, manifestações de uma cultura com sabor de inovação. “O processo de ajardinamento dos ‘vazios urbanos’ que se registrou nessa época – incluindo aí a construção de canteiros em adros e largos de igrejas, ou mesmo nas outrora ‘secas’ plazas mayores e plazas de arma das cidades hispano-americanas – derivou desse furor salubrista.”³¹

É dessa maneira que observamos o surgimento da Praça Cel. Luiz Alves. Inicialmente como extensão do conjunto formado pelo cemitério e pela capela, passando poucos anos depois a ter concepção bem definida de jardim público.

Assim, conduziremos o leitor a verificar registros que caracterizam vários momentos da história dessa praça, durante a qual é flagrante o compromisso, ou mesmo a preocupação, com a renovação/destruição: a antiga forma é colocada de lado, como condição de conquista de um nível de desenvolvimento destacável.

²⁹ *Ibid.*, p. 70.

³⁰ *Ibid.*, p. 74.

³¹ *Ibid.*, p. 73.

4.

A GÊNESE DA PRAÇA CENTRAL

A fundação de Santa Bárbara d'Oeste, no interior do Estado de São Paulo, está diretamente associada à iniciativa de dona Margarida da Graça Martins,³² ao adquirir extensa área delimitada ao norte pelo Rio Piracicaba e, a noroeste, pelo Ribeirão Quilombo.

O município tem como marco histórico os primeiros anos do século XIX, quando dona Margarida doou terras à Cúria Paulista para ser edificada uma capela, sob a evocação de Santa Bárbara, dando início ao povoamento. Tal construção, em 1818, marca a gênese do município de Santa Bárbara d'Oeste e também o próprio surgimento da Praça Cel. Luiz Alves, objeto de estudo desta pesquisa.

A partir dessa doação de 30 alqueires paulistas foi possível fixar no local algumas famílias e dar início ao povoamento. O núcleo em formação exerceu atração na região, representando ainda uma alternativa significativa para imigrantes, sobretudo norte-americanos, e a outros de origem européia. Mesmo que de procedências tão diferentes, os imigrantes que aqui chegavam traziam algo em comum: o conhecimento e a disponibilidade para o trabalho agrícola. Assim, em um cenário tipicamente agrário, esse agrupamento cresceu diretamente influenciado pela atividade açucareira e pela produção de cereais.

A História desta bella e formosa villa foi creada Aldea pertencente a á villa de S. Carlos (hoje cidade de Campinas) em 1818, epocha em que edificou-se a respectiva Igreja, em terreno para esse fim doado á Santa Bárbara por D.Margarida da Graça Martins, natural de São Paulo, de onde se havia transferido para este ponto, que era sertão; foi ellevada á Capella capela em 1837; á Freguesia pela lei n. 9 de 18 de fevereiro 1842; e á a categoria de villa pela lei 8 de junho de 1869; e desde então passou de novo a pertencer a comarca de Piracicaba. (...). Suas ruas são geralmente rectas e largas, e as casas, na totalidade térreas, tem muitos de grandes valores; seus principais edifícios são: a Matriz, a Capella de São Sebastião, a casa da Câmara, cadêa, cemitério e a Estação da linha paulista, onde se acha uma povoação com mais de 100 casas habitadas; além, disto há um theatre em construção, e uma população de aproximadamente 6.525 habitantes.³³

Tal aglomeração urbana já em 1869 transformou-se em vila, manifestando-se um esboço de vida urbana ligada ao comércio e serviços, e, ainda que de forma embrionária, também uma atividade cultural, demarcando desde então o centro urbano, a partir dessa praça, como o eixo de tais atividades.

Em função da expressão da economia local, em 1875 o povoado ganhava a primeira ligação férrea para transporte de

³² Por volta de 1817, dona Margarida da Graça Martins, viúva do sargento-mor Francisco da Graça Martins, adquiriu uma sesmaria, para onde dirigiu-se com filhos, parentes e escravos, com vistas a estabelecer uma fazenda e montar um engenho de açúcar. Dona Margarida destaca-se por ser a única mulher na história brasileira, pelo que se sabe, a tomar a iniciativa de comprar uma sesmaria e dar início a uma povoação. A capela em louvor a Santa Bárbara foi construída no mesmo local onde hoje encontra-se a matriz e marcou a fundação da cidade.

³³ Jornal *A Cidade de Santa Bárbara*, "Há 37 anos...", 12/mai./1925. Este artigo apresenta a realidade de 1880. Vale observar, contudo, que o número de 6.525 habitantes abrangia a população rural de todo o município, inclusive da Villa Americana, que nesta época já apresentava uma concentração significativa.

carga. Aumentavam os contatos do município com outras regiões, melhorando a possibilidade de trocas e vendas de mercadorias. Essas novas perspectivas de contatos, por um lado, facilitavam a incorporação das inovações e, por outro, as exigia.

A iluminação de lampiões a querosene foi substituída por energia elétrica, advinda com a primeira usina de açúcar, em 1913, que, entre outras implicações ao desenvolvimento urbano da cidade, propiciou justamente a chegada da energia elétrica. O transporte ferroviário de carga logo mais foi incrementado, passando, em 1917, a levar também passageiros.

Em abril próximo será inaugurado o novo ramal férreo de Nova Odessa a Santa Bárbara. Por toda a primeira quinzena de abril próximo será inaugurado o novo ramal da estrada de ferro Cia Paulista de vias Férreas, partindo da Estação de Nova Odessa, situada entre Campinas e Limeira, e indo ter na cidade de Santa Bárbara, futura localidade que dista de Piracicaba quatro léguas.

Iniciados os trabalhos desse ramal há cerca de dois annos, acham-se agora concluídos, estando também promptos os prédios da estação, moradia do chefe de estação, casas para outros empregados, caixa d'água, etc, na florescente cidade de Santa Bárbara, que apresenta actualmente um aspecto bellissimo e encantador, devido ao progresso levado aquele recanto do nosso Estado pelo ramal paulista, ora prestes a inaugurar-se. Há alguns annos, Santa Bárbara era circundada por estradas de ferro, que passavam a poucas léguas distantes della, mas nunca a attingiam, a despeito dos incessantes esforços de nossos edis, e dos chefes do nosso Estado. Eis agora realizado o dourado sonho dos habitantes daquella pitoresca cidade que se vê de uma hora para outra dota-

da de um grande melhoramento, promettendo também para em breve, disputar o primeiro lugar na zona açucareira do Estado.³⁴

Percebe-se uma nítida evolução urbana a partir do início do século XX, quando foi crescente o ritmo das inovações, diversificação das atividades e equipamentos coletivos, e, em particular, no que se refere às transformações espaciais ocorridas nesta praça.

A partir de uma perspectiva histórica, percebemos que esse logradouro, em distintos momentos e sob diferentes formas, pôde reunir pessoas, equipamentos, atividades coletivas e serviços. Mas, mesmo guardando particularidades de cada um desses momentos, foi mantido seu aspecto de centralidade na malha urbana da cidade.

É importante observar que tais transformações espaciais trazem em seu bojo a busca de soluções urbanísticas inovadoras, a partir de uma concepção em que o moderno estava associado à idéia de progresso. O discurso encontrado em diferentes relatos históricos sublinha a necessidade do embelezamento urbano, da monumentalidade, da modernidade e do progresso, justificando-se, portanto, qualquer nível ou mesmo dimensão das mudanças e inovações. Tal procedimento reveste-se de acentuada fragilidade, ou mesmo de certo desapego em relação ao suporte espacial legado, ao mesmo tempo em que valoriza a novidade. Cabe observar os expressivos depoimentos e discursos a respeito das diversas fases da praça reproduzidos neste trabalho, verificando-se a flagrante articulação entre a necessidade do embelezamento e a própria adoção da modernidade, com o que a idéia de progresso é incorporada.

³⁴ Jornal *A Verdade*, "O nosso ramal", 15/abr/1917.

5.

OS PRIMEIROS ANOS DA PRAÇA

A vida urbana tem nas ruas o caminho dos largos, dos edifícios importantes, do campo e das outras cidades. Confia-lhes, por isso, a feira, a procissão, o pretexto de encontro. Os próprios largos são uma continuação das ruas, um determinado trecho e momento seu diante das construções mais significativas, o seu clímax.³⁵

Assim podemos definir a Praça Cel. Luiz Alves, em seu primeiro momento: um largo delimitado por uma capela e um cemitério. Esse conjunto arquitetônico marcou a origem do agrupamento urbano, delineou nosso objeto de estudo. Desde o início esse local significou para a cidade um marco de centralidade, sem outro concorrente, a partir do qual a trama urbana se organizou. O largo da capela, desde sua gênese, exerceu força centralizadora no traçado urbano que se expandia.

Simples, humilde e minúscula, eis o que era nossa querida cidade em 1909, em pleno início de seu desenvolvimento. Aspecto empobrecido em sua apresentação, mas de realce na simplicidade de suas modalidades, isto porque já tinha uma demonstração demasiado expressiva a tudo que diz respeito ao modo de viver, da população, que é sempre dada aos trabalhos consecutivos.

Poucas casas, e com uma população demasiado pequena, assim realizava nossa cidade seus passos firmes no caminho do progresso, quer fosse na ampliação de suas dimensões, quer na cultura de cada barbarenses principalmente na união, na solidariedade

entre todos. Pequeníssima era nossa cidade outrora, e envolta pelos matos que se constituíam completamente intransitável, sendo atualmente substituído pelas residências da população. Entretanto, era interessante vê-la, talvez porque lá estava o início, a raiz de onde surgiria o desenvolvimento amplo, cuja concretização (devéras espantosa) é a que temos hoje ante nossos olhos, e que por conseguinte comparando-a com as mais elevadas cidades do interior. O povo, laborioso, forte não poupava esforços ou sacrifícios mas sempre num sentido de engrandecer galhardamente o bom nome de nossa cidade perante todas as demais.³⁶

A praça, exercendo tal força centralizadora na configuração do traçado urbano, sofreu inúmeras transformações logo nas primeiras décadas de sua existência, mas nunca perdendo este potencial original. Como relata Luiz Antônio da Cunha, conhecido por Luiz Carpinteiro, a antiga igreja cedeu espaço para a construção de uma nova matriz, ainda no final do século XIX, por volta de 1878.

A antiga igreja Matriz de Santa Bárbara foi demolida há 50 anos, isto é em 1878, sendo Vigário da paróquia o revmo. Padre José Cardilho. Estavam encarregados do serviço: como pedreiro, Juquinha Pedreiro, da família dos Florencios, do Alambary, e como carpinteiros, o nosso informante, Joaquim Chato e Candinho Mangerona, genro de José Mangerona. Esses e mais Lázaro Benedicto de Oliveira e João Paes foram os constructores

³⁵ MARX, M., 1980, p. 43.

³⁶ *Jornal do Povo*, "Santa Bárbara de 1909 e Santa Bárbara atual", 18/out./1953.

da igreja actual, no mesmo local da antiga, onde foi outróra o Cemitério Municipal de Santa Bárbara.³⁷

De forma geométrica e regular, a trama urbana parece ter emoldurado esse centro gerador da cidade, definindo um traçado ortogonal e, até certo ponto, imprópriamente adaptado à topografia natural, com o que as interrupções das vias de circulação ocorriam freqüentemente em fundos de vales e várzeas.

Em fevereiro de 1908, época desta evocação barbarensê, as 16 ruas e praças da cidade tinham as seguintes denominações:

Ruas: Duque de Caxias, Sta. Bárbara, D. Margarida, 15 de Novembro, Riachuelo, Inácio Antônio, 13 de Maio, João Lino, General Câmara, General Osório, Floriano Peixoto, Prudente de Moraes, Graça Martins, Sete de Setembro e José Bonifácio e a que ficava mais próxima ao Cemitério e ao matadouro, parece não tinha denominação. Anos depois, foi denominada “rua Paulo de Moraes”, passando também a denominar-se Joaquim de Oliveira a Rua Sete de Setembro.³⁸

A praça, surgida em função da capela, logo começa a se confundir com o projeto de “jardim público”, construído em 1893, fato este que não chega a ser uma exceção em nosso urbanismo, como já mencionamos anteriormente. Tal arborização existente na praça no



início do século XX também passa a ser objeto de questionamento por parte da própria população local: fica evidente, nos relatos de época, certa ansiedade em tê-la melhor produzida.

Até então, esse local não passava de um largo descampado coberto de capim, servindo de pasto aos animais, conforme relato do historiador Antônio Bruno de Oliveira, passando posteriormente a constituir-se em um jardim público digno de destaque, onde o princípio de ordenação da composição da vegetação ficava determinado pelo emprego de árvores frondosas como caneleiras, salta-martins, alecrins e, num outro grupo, por arbustos como manacás, mimosas, primaveras, roseiras e

Autor: desconhecido.

Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

Em 1878 foi demolida a primeira capela de Santa Bárbara, construída em taipa; no mesmo local edificou-se esta igreja, durante as últimas décadas do século XIX. Esse registro é o mais antigo encontrado do edifício da matriz.

³⁷ Jornal A Cidade de Santa Bárbara, 3/fev./1929.

³⁸ Jornal D'Oeste, "Há quase 50 anos", 17/fev./1957.

sempre-vivas. Complementa ainda esse historiador que, para garantir a proteção do jardim, havia uma cerca de arame impedindo o acesso de animais.

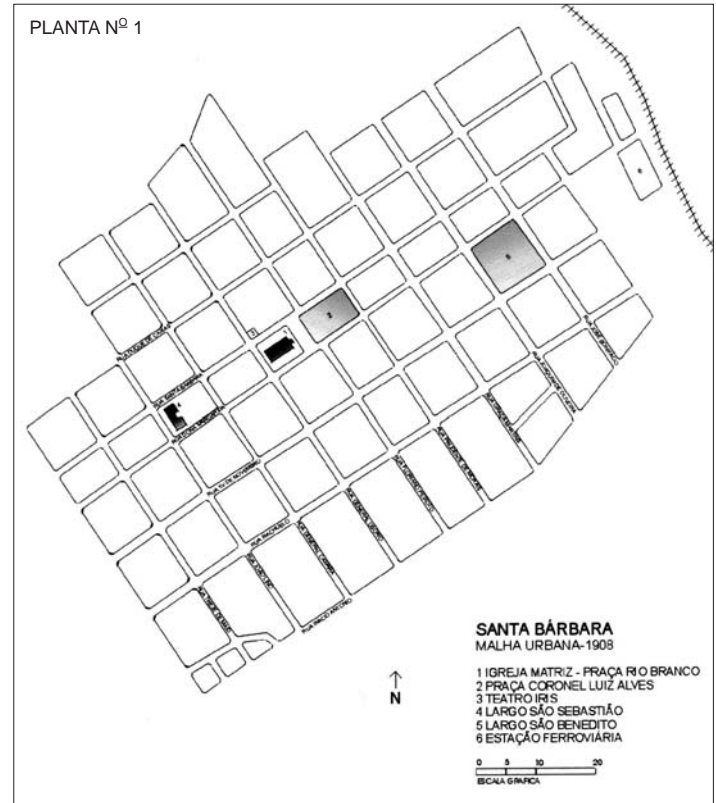
Para a proteção dessa flora, construiu-se uma cerca de arame, cinco fios, e ao meio dessa cerca, com frente para a rua que lhe era adjacente, um portão de grades de madeira que se fechavam à noite com corrente e cadeados, evitando-se, com isto, a invasão de penetras noturnos representados pelos cavalos, burros, bois de carro e cabras, que cobiçavam aquele viçoso capim belo e succulento.³⁹

Sem dúvida, a história da Praça Luiz Alves, além de estar diretamente associada à gênese da cidade e à sua posterior expansão urbana, também traz profunda articulação no que tange às atividades culturais e sociais e à utilização dos equipamentos coletivos.

A Prefeitura Municipal está procedendo a reforma do fecho do nosso logradouro público, substituindo por outros novos postes ali existentes.

A ocasião é azeda para o digno sr. prefeito tornar efectiva a resolução da Câmara Municipal, referente a locação de mais duas cancellas naquele ponto de recreio, nos lugares para isto destinados, nas ruas Santa Bárbara e Dona Margarida. Essas medidas além de outros convenientes traria o embelezamento daquele logradouro público.⁴⁰

Logo no início do século XX, foi construído um coreto com o intuito de embelezar o já reconhecido jardim público: “Chegou o coreto que foi armado no jardim público desta villa, o qual foi construído nas oficinas da casa Viuva Kruchi & Comp., em Campinas. Inauguração foi em 8/9”.⁴¹



Malha urbana da cidade de Santa Bárbara, no início do século XX, com a localização de edificações referenciais.

³⁹ *Jornal D'Oeste*, "Jardim Público", 8/abr./1962.

⁴⁰ *Jornal O Trabalho*, 10/out./1909.

⁴¹ *Jornal O Barbarense*, 19/ago./1900, n.º 13.

Instalado em 1900, o coreto localizava-se quase no meio do jardim, próximo ao portão com frente para Rua Santa Bárbara. Algumas reformas nele foram necessárias, pouco tempo depois, com a melhora inclusive de sua iluminação.

Faz amanhã um anno que foi inaugurado em nosso jardim público o coreto que alli se acha levantado; este é um dos ornamentos da nossa Villa, cuja construção devemos aos ingentes esforços de três distintos moços que não desanimados ante as dificuldades dotaram o jardim com um embellezamento útil, no entanto só temos a lamentar que elle tão cedo tivesse sido desprezado.

Para solenizar esta data amanhã a tarde tocará alli a banda musical.

Aos distintos moços, senhores Joaquim Antonio Ribeiro, Sebastião Ferraz de Campos e Antonio Olegario Machado, iniciadores desse melhoramento enviamo-lhes neste dia os nossos cumprimentos.⁴²

Nas primeiras décadas do século XX, a vida social da cidade estabelecia enorme ligação com essa praça. A grande diversão eram o cinema e o teatro, que ocupavam o mesmo edifício, localizado defronte à praça. Aos domingos, também era nela que a banda tocava, sendo ainda destinada aos passeios, aos namoros e aos encontros dos moradores em geral. Representava a própria referência para a cidade: nesse fragmento urbano encontravam-se o comércio, os serviços, a cultura e o lazer, entre outras atividades. Nos anúncios de jornal da época, era comum a referência ao Largo da Matriz.

Cenimatographo

Na próxima semana deve extrear em nosso theatro sob direção do Sr. Antonio F. de Castro um aparelho de vistas com mutação ins-

tantânea e illuminado a gaz de cetileine. Este aparelho acaba de chegar dos Estados Unidos do Norte e, é o mais aperfeiçoado no gênero que atualmente vai viajar na América do Sul.⁴³

Promovido por distintos cavalheiros desta cidade, realizou-se no dia 11, no theatro local, conforme noticiamos, um animadíssimo baile, que prolongou-se até as 4 horas, deixando magnifica impressão em todos os que assistiam.⁴⁴

Em nosso theatro teve lugar hontem, conforme noticiamos o baile a phantasia promovido por um grupo de distinctas e gentis senhoritas e rapazes de nossa elite social. As danças decorreram animadíssimas e no meio da maior expansão de alegria e cordialidade até altas horas.⁴⁵

Esta popular e apreciada casa de diversões, propriedade dos nossos amigos Srs. Sebastião Paes e João Monteiro, vai proporcionar hoje ao público barbareense, mais um magnífico programma em que serão exibidos filmes cinematographicos de garantido successo. Haverá duas sessões, começando a primeira ás 7 horas em ponto. Para maior comodidade de seus habitués, a empresa Monteiro & Paes fez aquisição de novo e excellente mobiliário para guarnecer o salão do nosso theatro da Praça Rio Branco, onde está instalado o seu aperfeiçoado aparelho Pathe Frères.⁴⁶

Dado a excellencia dos programmas que a empresa Michel tem organizado para seus espectáculos, o theatro Recreio apanhou Domingo uma colossal enchente. Para hoje, para inaugurar a reforma por que passou esta casa de diversão, a empresa escolheu um sensacional programa composto dos melhores trabalhos cinematographicos. Do belo conjunto de filmes a serem desenrolados hoje, destaca-se a monumental película – a Rosa do Tojal – em 5 partes, toda colorida, que foi premiada na grande Exposição do Paraná. Portanto, mais um enchente, apanhará por certo, o Recreio.⁴⁷

⁴² Jornal O *Barbareense*, "O Coreto", 7/set./1901, n.º 74.

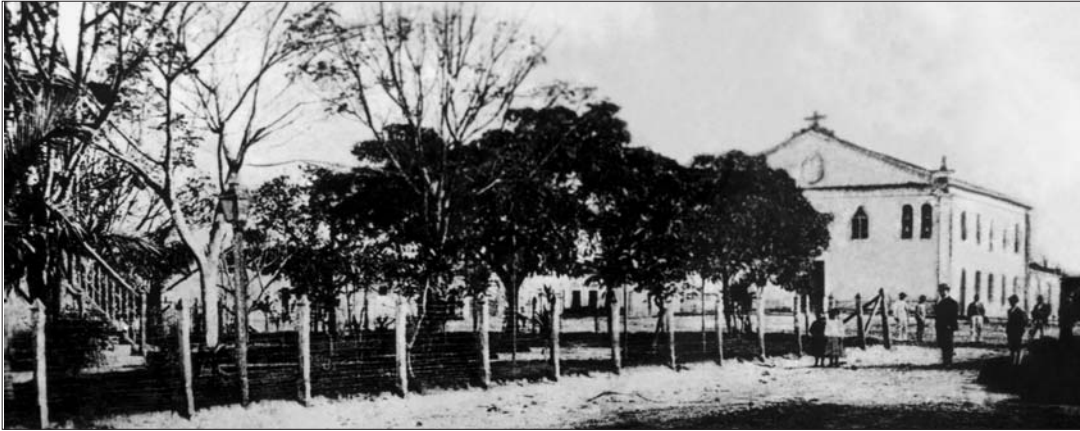
⁴³ Jornal O *Barbareense*, "Cenimatographo", 19/mai./1901, n.º 52.

⁴⁴ Jornal A *Verdade*, "Sarau dançante", 19/nov./1916, n.º 7.

⁴⁵ Jornal A *Verdade*, "Baile a phantasia", 8/abr./1917, n.º 27.

⁴⁶ Jornal A *Verdade*, "Cinema Recreio", 14/jan./1917.

⁴⁷ Jornal O *Barbareense*, "Recreio", 3/dez./1916, n.º 22.



Autor: desconhecido.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

Largo da Matriz, em 1909, com jardim cercado por arames e portões para acesso ao interior.

" Alfaiataria Amaral "

— DE —

Antonio Benedicto do Amaral

Recaba figurinos meeiros e bem assim amostras de novidades, Trabalha com perfeição e a preços rasáveis.

LARGO DA MATRIZ, N. 6
Santa Bárbara

Loja do Barateiro

LARGO DA MATRIZ, ATRÁS DA IGREJA

— DE —

JOSÉ DE OLIVEIRA

Acaba de receber esta conhecida casa um grande e variado sortimento de fazendas, sermão, chapeo, calçados, roupas feitas e machiloba de costura. Toda a origem d'esta casa não evoluiu com o mais aprimorado gosto, satisfazendo aos frequentes mais estocados. Suas compras são feitas nas melhores condições possíveis, estando habilitado a fazer-las as vantagens a esta numerosa frequência, rivalizando os seus preços com as casas mais baratas das localidades vizinhas. O Proprietario tem a honra de convidar as Excmas. Famílias e ao publico em geral a visitarem a Loja Barateira para admirarem o seu esplendido SO UTMENTO e especialmente os seus preços, que sempre em realimento de liquidação, em vista do pequeno lucro que preside todas as suas vendas.

Preços de liquidação e vendas a DINHEIRO

JOSÉ DE OLIVEIRA

SANTA BÁRBARA

Anúncios do jornal O Barbarense.

Pharmacia Internacional

PAULO SACK

Neste bem mantido estabelecimento recebereis todo o material pharmaceutico a venda todos os quinquinos para analise medicinal e reagentes, produtos químicos, pharmaceuticos e variados instrumentos de laboratório e de medicina, profissionais. Seu estabelecimento, diplomado em Alemanha e legitimamente licenciado, não se occupar a taxa de trabalho e não podes esquecer para servir a todos que laborarem com sua confiança necessitando dos seus serviços.

Atas as receitas medicas com total e scrupuloso promptidão, serias e medicadas em português.

A Pharmacia achase montada em condições para atender ao publico tanto de dia como a qualquer hora da noite.

Largo da Matriz

SANTA BÁRBARA

Vende-se por motivo de residirem fóra os proprietários, o bem instalado cinema Recreio que funciona no theatro desta cidade. Superior aparelho "Pathe" em perfeito estado e óptima instalação eléctrica. Bastante frequentado e com despesas diminutas, é por isso um bom emprego de capital.⁴⁸

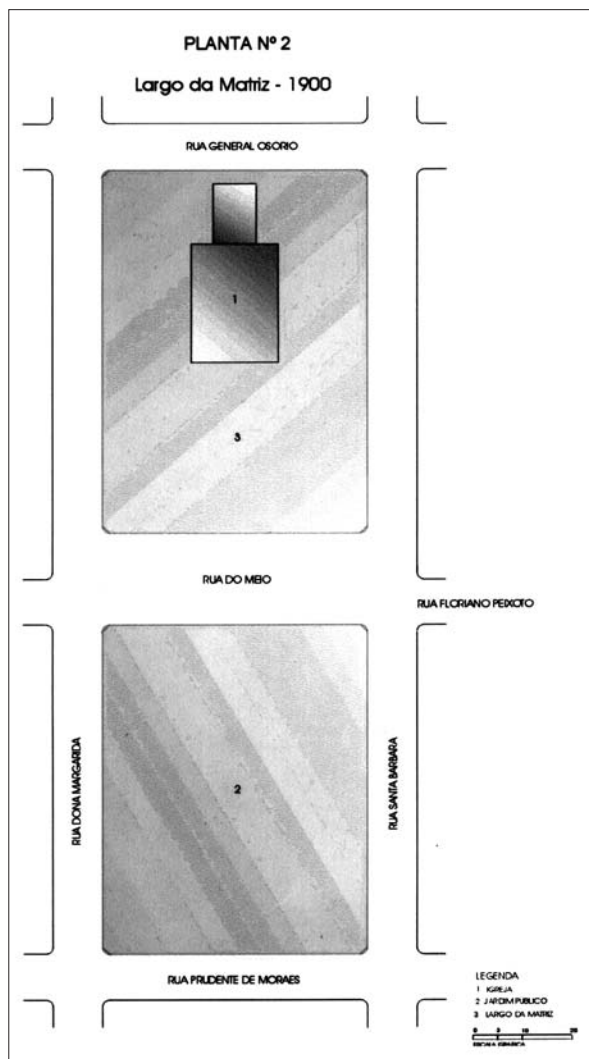
Nas primeiras décadas do século XX, entre os espaços abertos coletivos existentes nesse centro urbano destacava-se o Largo da Matriz, passando, a partir de então, a ter a denominação de praça. A Rua Floriano Peixoto, na esquina com a Santa Bárbara, era conhecida como Rua do Meio, ou mesmo Largo da Matriz.

O largo da matriz, em 1912 passou a denominação de Praça Rio Branco, quando foi o falecimento do grande chanceler Juca Paranhos.

O largo do jardim teve a denominação de Coronel Luiz Alves em 1937, em homenagem ao importante industrial da Usina Santa Bárbara.

⁴⁸ Jornal O Barbarense, "Annuncio", 3/dez./1916, n.º 22.

Praça central,
início do século XX.



Autor: desconhecido.

Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

Década de 30: Rua Dona Margarida, esquina com a Rua Floriano Peixoto (esta também como Rua do Meio), saída para Villa Americana. Na esquina, a bomba de gasolina da Casa Sans. Podem ser percebidos canteiros no jardim interno, porém ainda permanecem as mesmas entradas laterais para o seu interior. O prédio à direita é atualmente ocupado por um café/*bonbonnière*, já o da esquina não existe mais e, no seu lugar, hoje se encontra uma agência bancária.

O largo São Sebastião, onde existia a igreja deste nome, depois de demolida em virtude de um acordo entre a Câmara Municipal e o Bispado de Campinas passou a chamar-se “Praça 9 de julho”, em memória da Revolução Constitucionalista de 1932. O largo S. Benedito desapareceu do mapa da cidade, porque a Câmara, principal fundadora da fábrica de tecidos da Cia Industrial de Santa Bárbara, fez doação de uma quadra por ele ocupada àquela empresa.⁴⁹

As sucessivas reformas não se restringiram ao espaço da praça propriamente, mas estiveram também diretamente ligadas ao edifício da matriz, que passou por inúmeras reformas, alterações e acréscimos, como podemos observar a seguir, através da descrição da reforma do piso da igreja.

Informamos ainda que os serviços de ladrilhamento a mosaico da nossa Igreja Matriz será atacado dentro de breves dias. Para esse fim a digna e laboriosa colônia syria, representada pelos seus mais influentes membros, concorrerá com o ladrilho necessária.

Por ordem da nossa Prefeitura Municipal foram feitos, ultimamente, os melhoramentos mais urgentes de que necessitavam a Praça Barão do Rio Branco e o nosso Jardim Público, que ora apresenta melhor aspecto, graças ao zelo e esforço do digno funcionário municipal, Sr. Camilo Augusto de Campos.

A praça Barão do Rio Branco apresenta iluminação deficiente, sendo de necessidade a collocação, ali, nos cantos da Igreja Matriz, ao menos na fachada do templo, de duas lâmpadas. Nesse sentido o vereador, Januário Domingues já justificou seu voto e fez indicação perante nossa Câmara Municipal.⁵⁰

Sem dúvida, para essas transformações se darem foi importante seu reconhecimento e aceitação por parte da popu-

lação, seguido ainda de expressiva solidariedade, consolidando um projeto quase interminável de reformas ao longo das décadas seguintes, quando o espírito ufanista associado ao espírito religioso da população local puderam promover o que, isoladamente, nenhuma administração faria.

Em 1918, concluiu-se a cúpula da torre da igreja matriz, com grande participação da população, representada pela comissão de obras composta pelo padre José Rodrigues Sanches, José Gabriele de Oliveira e Souza, João Pedro de Toledo Martins, Joaquim de Azanha Galvão Peregrino de Oliveira Lino, Joaquim Veríssimo de Oliveira e José Leite Rocha.

Quando o monsenhor Nicopelli chegou a Santa Bárbara d’Oeste, em 1920, assumindo a função de vigário na cidade, encontrou a torre da matriz já coberta, mas sem revestimento, nem pintura, nem escada de acesso.

Deu remate a esse serviço e depois tratou da construção do restante da fachada do templo, da parte dos fundos (capela-mor, capela do Santíssimo e Consistório), com um aumento de 5 metros, no comprimento; e, finalmente, da nova nave da Igreja. E o templo velho, com idade de 50 ou 60 anos, transformou-se na nova e apresentável Matriz atual graças ao seu dinamismo e à cooperação da população católica, em geral, e do Sr. Coronel Luiz Alves de Almeida em particular.⁵¹

A questão do embelezamento está presente em vários níveis, manifestada tanto no anseio da população quanto no próprio discurso político dos governantes locais.

Srs. Vereadores,

No desempenho do cargo de prefeito Municipal, que me foi confiado no triênio de 1914 a 1916, cabe-me apresentar-vos a modesta

⁴⁹ *Jornal D’Oeste*, “Há quase 50 anos”, 17/fev./1957, n.º 387.

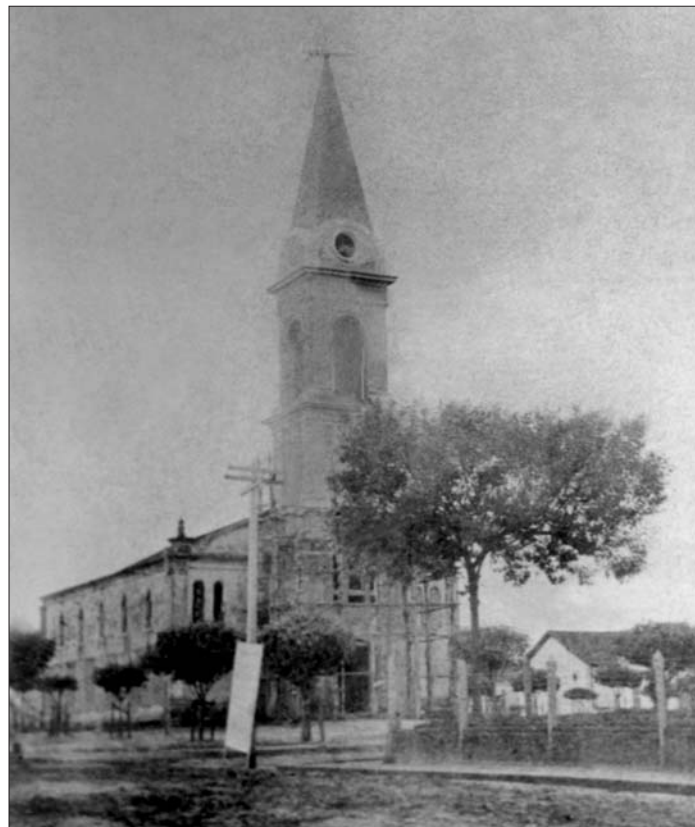
⁵⁰ *Jornal A Cidade de Santa Bárbara*, “Melhoramentos locais”, 7/jun./1925, n.º 1.

⁵¹ *Jornal do Povo*, “Monsenhor Nicopelli”, 1.º/fev./1953, n.º 30.

exposição dos negócios Municipaes referente a esse período administrativo, acompanhado dos quadros administrativos anexos:

Jardim público: ao assumir a prefeitura municipal, voltei desde logo as minhas vistas para o jardim público da Praça Rio Branco. Assim, com autorização da Câmara fiz contratar um jardineiro habilitado, que iniciou desde logo o serviço de reforma, sendo derrubadas as grande e velhas árvores, que foram substituídas por outras, ornamentaes e mais apropriadas ao fim. Devido ao alargamento do Rua D. Margarida, foi necessário afastar a cerca de arame liso, do lado dessa rua, cerca de 1 metro para dentro do jardim, tendo sido por isso imprescindível nova feitura de canteiros e do armamento dos mesmos, sendo aquelles guarnecidos com guias e pequenas sarjetas de tijolos apropriados. A cerca que faz frente para a Matriz foi também afastada em todo a sua extensão, a fim de dar maior largura ao passeio, e as outras duas faces foram totalmente reformadas. Para nivelamento dos canteiros e maior firmeza dos postes da cerca que circunda o jardim foi construída uma parede de meio tijolo nas quatro faces deste logradouro público. Foram adquiridos 24 bancos novos e reformados os antigos. No coreto foram feitas as mais urgentes reformas: tem sido adquiridas as mudas de árvores ornamentaes, flores e guarnições apropriadas; e, enfim, está sendo cuidadosamente tratado e apresenta hoje agradável aspecto.⁵²

Observamos no artigo reproduzido a seguir a expectativa pela reforma, que traz novos elementos, não apenas marcados por uma feição moderna, mas por algo que pudesse destacar sensivelmente o ambiente existente.



Autor: desconhecido.

Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

A igreja matriz, construída no final do século XIX, recebe transformações já nas primeiras décadas do século seguinte. Em 1912, foi iniciada a construção da torre, concluída em 1918.

⁵² Jornal *A Verdade*, 18/mar./1917, Relatório do Prefeito José Gabriel de Oliveira e Sousa, apresentado à Câmara Municipal de Santa Bárbara d'Oeste (5/mar./17), n.º 24.

Faz amanhã um anno que foi inaugurado em nosso jardim público, o coreto que ali se acha levantado: este é um dos ornamentos da nossa Villa.⁵³

Quase no meio do jardim próximo ao portão com frente para a Rua Santa Bárbara, erguia-se um imponente coreto onde nas vespertinas domingueiras a corporação musical fazia as suas retretas deliciando as famílias que para lá fluíam ansiosas por recreação e de um encontro com os amigos e conhecidos nos temas musicais executados pela pequena banda, até onde lhes era possível predominavam os clássicos, valsas vienenses, mazurkas e shottis. As nove horas terminava a retreta e os músicos, em formação de coluna por quatro dirigiam-se para sua sede aos sons do dobrado “Silvino Rodrigues”.⁵⁴

Destacamos ainda a iniciativa, sob o bojo desse espírito entusiasta, de alguns moradores, entre eles Lázaro Domingues, ao fundar, em 1.º de maio de 1909, uma pequena banda de música, materializada na Corporação Musical Galdino Siqueira alguns anos depois, denominada Corporação Musical União Barba-rense, utilizando-se do coreto instalado da praça para suas apresentações. “Estamos informando que o Sr. Lázaro Domingues, diretor da banda ‘Galdino Siqueira’ resolveu fazer ouvir de 15 em 15 dias, em nosso jardim público, aquela apreciada corporação, músicas nas melhores peças de seu repertório.”⁵⁵



Autor: desconhecido.

Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

Prosegiu o acabamento da torre da matriz, ao longo da década de 20.

⁵³ Jornal O Barba-rense, “Coreto”, 7/ago./1901, n.º 74.

⁵⁴ Jornal D’Oeste, “Jardim Público”, 8/abr./1962, n.º 647.

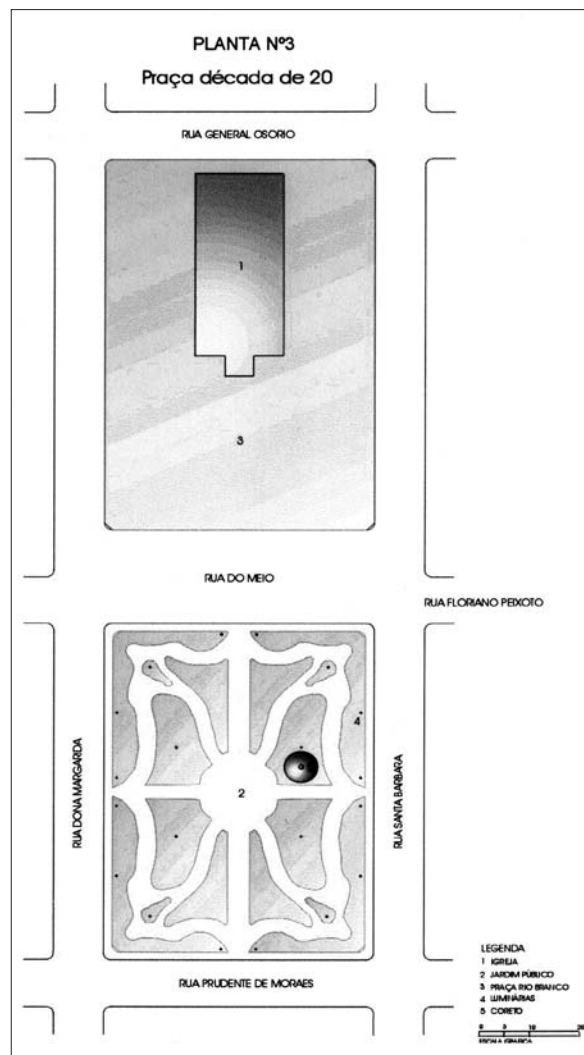
⁵⁵ Jornal O Trabalho, “Jardim Público”, 10/out./1909, n.º 9.

Intervenções significativas foram executadas nesse logradouro, retirando-se as árvores do jardim, acabando-se com o desnível existente entre as ruas e criando-se novos canteiros.

Depois o jardim sofreu reformas: arrancaram-se as árvores, aterrou-se o desnível concordante com as ruas, e traçaram-se novas aléias, plantaram-se flores mais ricas em coloridos e perfumes raros, folhagens multicoloridas que eram uma verdadeira festa ao olhar e ao olfato; muitos arbustos próprios à modelagem nos quais a tesoura caprichosa na mão hábil de um jardineiro entendido davam-lhe as formas mais bizarras. Conservaram-se as cercas e os mesmos portões que rotineiramente era fechados à noite, pois depois que o perigo da invasão dos animais vadios permanecia.⁵⁶

A expansão e inovações urbanas da cidade foram intensas nos primeiros anos do século XX, acentuando-se progressivamente maiores contatos com as cidades da região e com os principais centros urbanos do País. Isso implicava transformações de muitos aspectos; destacamos particularmente, no escopo de nossa pesquisa, o gosto “pela modernidade”, de certa forma pela imitação dos centros brasileiros mais desenvolvidos. É evidente, nos relatos da época, uma preocupação com a estética, comprometida com a idéia de progresso e da aparência renovada.

**Praça central,
década de 20.**



⁵⁶ *Jornal D'Oeste*, "Jardim Público", 8/abr/1962, n.º 647.

6. A DÉCADA DE 30

Santa Bárbara no anno de 1933:

Nossa cidade é servida pela Cia Paulista de Estrada de Ferro, que muito tem contribuído para melhorar nossa situação e o trecho de Nova Odessa até aqui foi inaugurado no anno de 1917. Mas um erro de engenharia chegou junto com Cia e há 16 anos notamos com tristeza um enorme e feioso barranco em frente a estação causando péssima impressão a viajantes que chegam e que passam pela nossa terra. Desde o anno de 1915 possuímos luz eléctrica, o que é obra de um milagre pois se não tivesse a “Usina” local necessidade de energia eléctrica, e estaríamos até hoje, presenciando as tristes e lugubres figuras dos lampiões a kerosene.

Temos também uma fábrica de tecidos, inaugurada em 1922. A sua vinda ao lado de ter trazido progresso para a nossa terra, devido a má orientação, trouxe também monstruosos prejuízos aos operários, as indefeizas vítimas dos magnatas.

A Igreja local cujo estado actual é devido a grande operosidade e espirito constructivo do Revmo. Henrique Nicopelli, é uma das cousas que dá aos visitantes bôa impressão.⁵⁷

É percebido significativo crescimento urbano nos primeiros anos do século XX, marcado sobretudo pelo surgimento de novos serviços urbanos, equipamentos coletivos, iluminação, pavimentação pública. Visíveis são as mudanças ao longo da década de 10 no conjunto formado pelas praças Rio Branco e Cel. Luiz Alves:

uma extensão do Largo da Matriz envolve parte significativa do espaço antes destinado à rua e ao próprio jardim público.

Em uma proposta claramente definida pela simetria, dois pequenos jardins posicionavam-se na parte frontal da matriz. Complementado esse recinto, foram dispostos novos canteiros no interior do jardim já existente, incorporando inclusive o coreto, como podemos verificar nas fotos e em planta a seguir. “A Prefeitura Municipal está procedendo os consertos necessários na Rua XV de Novembro, para os lados da Estação Paulista. Dentro em breve estará installada a iluminação eléctrica nas ruas Dona Margarida e XV de Novembro, naquela parte da cidade.”⁵⁸

A Rua XV de Novembro destacava-se desde os primeiros anos de expansão urbana. A respeito dela, encontramos depoimentos que relatam certa setorização espontânea e curiosa, revelando seu papel de destaque naquele período.

Uma reunião de homens letrados e políticos de nome da nossa sociedade resolveu dividir a rua 15 de novembro em 5 partes dando-lhes os seguintes nomes: “bairro dos políticos” da entrada do Galvão até a Rua João Lino; “bairro Chic”, da Rua João Lino até a General Osório; “bairro dos solteirões” ou dos “celibatários”, da Rua Cap. Joaquim V. de Oliveira, e finalmente o “bairro da fábrica” da Rua Joaquim de Oliveira até a estação.⁵⁹

⁵⁷ Jornal A *Metralha*, “Santa Bárbara no ano de 1933”, 17/set./1933, n.º 15.

⁵⁸ Jornal A *Verdade*, 3/mai./1917, n.º 30.

⁵⁹ Jornal A *Metralha*, “Os cinco bairros da Rua Quinze”, 8/out./1933, n.º 18.



Foto: Augusto Strazdin.
Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

Em detalhe, o pequeno jardim na frente da matriz. Observa-se uma estatueta, resultando um conjunto simétrico, subdividido em quatro partes iguais.



Praça central, década de 30.

Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

Canteiros laterais da matriz, parte da Praça Rio Branco, com pavimentação na área do passeio público e iluminação elétrica. À frente, os dois pequenos jardins e, no último plano, Praça Cel. Luiz Alves com novo traçado interno.

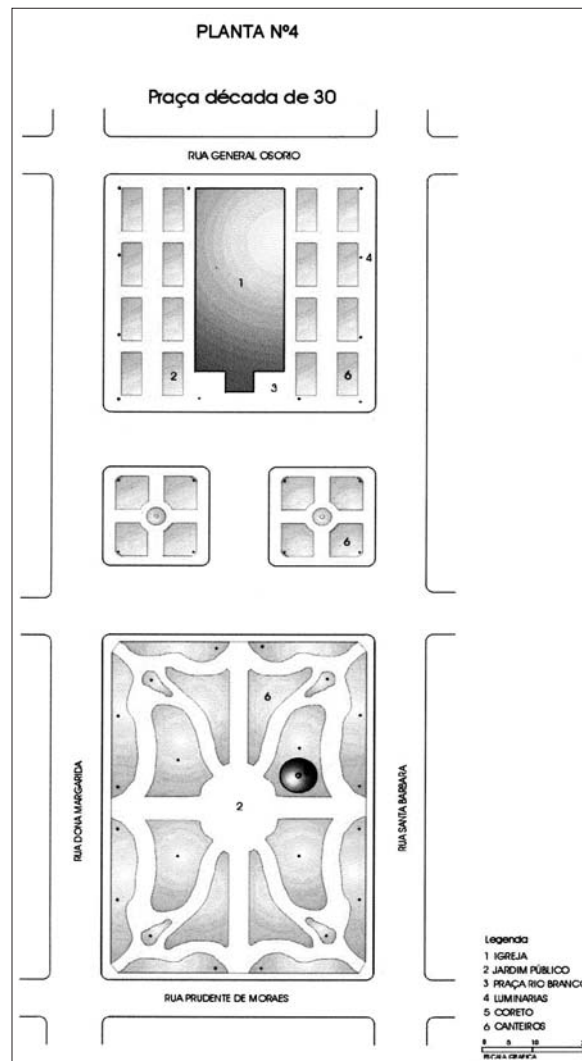




Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

**Praça Cel. Luiz Alves,
final da década de 30,
esquina da Rua Prudente
de Moraes com a
Rua Dona Margarida.**

Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

**Em detalhe o
centro da Praça
Cel. Luiz Alves
demarcado por
um canteiro
circular e
uma luminária.**



Ainda em relação aos melhoramentos locais, mais uma vez identificamos certa ênfase em relação à Rua XV de Novembro, enquanto importante eixo de circulação entre a Matriz e a Estação.

Melhoramentos Locais.

Consta-nos que a Prefeitura Municipal vai tratar de melhorar consideravelmente a nossa principal via pública, a rua XV de novembro, para os lados da Estação Paulista, dotando-a de guias e sarjetas, tão necessárias naquele trecho da referida rua.⁶⁰

A rua XV de novembro, pela sua bella perspectiva e pela sua disposição no arruamento local, está destinada ser a rua commercial da cidade e, como tal, deve merecer da Prefeitura os cuidados e tratamentos requeridos por uma rua commercial. A suas construcções devem obedecer um padrão especial, aconselhando-se a

⁶⁰ Jornal A Cidade de Santa Bárbara, "A nossa matriz", 3/fev./1929, n.º 186.

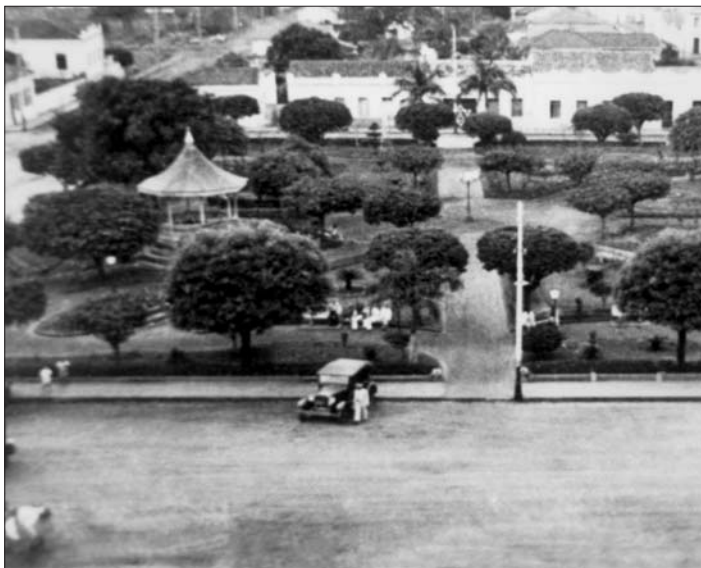


Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

Detalhe do coreto, importante ponto de referência na década de 30.



Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

Vista geral da Praça Cel. Luiz Alves, a partir da frente da matriz, década de 30. Observamos o coreto, localizado à esquerda.

construção nesta rua, somente de casas destinadas ao comércio e dificultadas, quando possível, a de casas destinadas exclusivamente a residências.

Entretanto, não são esses os primeiros cuidados que exige essa rua; o que urge, primeiramente, é que sejam assentadas guias de pedra, e sarjetas, estas possivelmente de paralelepípedos, a começar de esquina da rua Prudente de Moraes, até a Praça da Estação; melhorando o abaulamento e obrigando os proprietários a construir muros e calçamento decentes já estaria dando um grande passo para o embelezamento desta rua.

As construções, dado o seu pouco movimento nesta cidade, iriam sendo feitas com intensidade normal, obedecendo, sempre que possível, o padrão determinado. É a rua XV de novembro, quase, pode-se dizer, a única rua de acesso à cidade e a atravessa de extremo a extremo, pelo que nunca seriam demais quaisquer medidas que tomasse a Prefeitura para o seu embelezamento.⁶¹

A ninguém é lícito negar que a disposição interna do nosso jardim público possui aspecto de accentuada beleza e que além disso é carinhosamente tratado pelo seu zelador.

A sua grande falha está na ausência de calçamento de qualquer espécie nas suas alamedas e nos passeios externos que o con-tornam.

⁶¹ Jornal A Cidade de Santa Bárbara, "Problemas e melhoramentos locais", 3/fev/1929.

Os primeiros cuidados a merecerem atenção da Prefeitura, consistem na demolição do cercado externo e se possível, substituição do feio e frágil muro de arrimo, que é de tijolos, por outro de pedras com juntas ligadas a concreto, e assentamento sobre elle de um corrimão simples, de varão de ferro, ou de cano de chumbo: e se, julgado muito difícil tal reforma, ao menos na demolição do cercado e revestimento a concreto do muro de tijolos existentes; em seguida, construção de passeios externos, possivelmente de ladrilhos esquadrinhados, de cimento, e, terminados esses serviços, o empedramento a cascalho, dos leitos das alamedas internas do jardim, viriam torna-lo um formoso logradouro, transformando o aspecto do largo em que está situado.⁶²

Compreende-se, a partir desses relatos, a busca por associar preocupações de caráter estético ao emprego de novos materiais. Enquanto resultado, almejava-se a modernidade.

Assim, verificamos que, ao final da década de 30, esse logradouro público definia clara-



mente o centro de referência da cidade, sendo valorizada sua concepção estética de maneira relevante.

Se nas décadas anteriores tal marca de centralidade era um aspecto que demarcava de forma ainda um pouco frágil a gênese do povoado, ao longo dos anos 30 percebemos uma intencionalidade de projeto urbano em relação a este original Largo da Matriz, no que a busca por um espaço que se destacasse do conjunto urbano existente, foi uma meta plenamente conquistada.

Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

Largo da Matriz no final da década de 30. A Praça Rio Branco apresentava-se como extensão do espaço sacro e representava a integração entre o espaço interior e exterior.

⁶² Jornal *A Cidade de Santa Bárbara*, "Problemas e melhoramentos locais, Largo do Jardim", 3/fev./1929.



Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

Praça Rio Branco e Rua Dona Margarida.
O projeto urbanístico adotado permitia
grande integração entre o espaço da
rua, das casas e das calçadas com
o jardim propriamente dito.

Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

Vista da Praça Cel. Luiz Alves
na década de 30, a partir da Rua
Prudente de Moraes. Nesse ângulo,
notamos um eixo que conduz à
entrada principal da matriz,
demarcado pela vegetação,
pela luminária central e pelo
próprio passeio do jardim.





Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

Fachada principal da matriz e a Praça Rio Branco, a partir do eixo central da Praça Cel. Luiz Alves.



Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

Na década de 30 estava iniciada a reforma da lateral da matriz, começando pela parte posterior do edifício em direção à frontal.



Foto: Augusto Strazdin.

*Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.*

**Praça Cel. Luiz Alves no primeiro
plano e, ao fundo, a matriz,
década de 30.**

7. INÍCIO DOS ANOS 40

A cana-de-açúcar ainda figurava entre as principais atividades agrícolas no município, seguida pelo algodão, café, cereais e pecuária. Mas, progressivamente, também passava a ser relevante a diversificação da atividade industrial que, além do açúcar e do álcool, envolvia importantes setores: tecidos de algodão, beneficiamento de algodão, arroz e milho, produção de veículos e utensílios agrícolas, torrefação de café, fabricação de móveis e fundição de ferro e bronze. Os imigrantes norte-americanos trouxeram conhecimentos agrícolas, influenciando uma demanda crescente por utensílios agrícolas, como arados e semeadeiras. Muitos desses utensílios passavam a ser produzidos na própria cidade, pelas indústrias locais de fundição.

A partir desse panorama, do qual faziam parte novas atividades rurais e urbanas, a cidade respondia à crescente demanda de infra-estrutura, ampliando de modo significativo seu universo urbano, sob forma de serviços e de comércio. Santa Bárbara chegava a se destacar sob o aspecto de experiências inovadoras, como no caso do emprego da solda elétrica, que muito contribuiu para a produção de máquinas em geral, estabelecendo contatos para venda desses produtos com várias regiões e Estados do País.

De modo evidente, percebe-se, após a década de 30, um aumento da malha urbana, da população urbana e dos serviços e equipamentos urbanos (água, esgoto e pavimentação).

Quanto à praça dos anos 30, identifica-se a preocupação com a estética, através de críticas sobre suas condições naquele momento; segundo relatos da época, a ausência do calçamento nas alamedas internas e nas calçadas do contorno comprometia a beleza desse local público.

Esta sendo publicado no periódico local o edital de correspondência para a reforma do nosso jardim público. Tivemos oportunidade de examinar a planta dessa reforma e constatamos com natural surpresa, que a nossa administração municipal pretende resolver o problema de embelezamento da cidade desprezando os modernos métodos de urbanização. Assim se o nosso jardim público como está causa má impressão, torna-se-á ridículo após essas antiquadas reformas. Passemos, porém, às reformas: consiste em cercar de columnas de cimento, unidas entre si por canos, toda extensão do jardim, o qual terá para o público cinco escadas para subir ao mesmo... Assim teremos em Santa Bárbara uma feia e reduzidíssima segunda edição do famoso jardim da Babilônia... Basta nivelar o jardim, sacrificar algumas anti-estéticas árvores e alargar o passeio que contorna o mesmo. Estacas e canos não se admite hoje em dia num cidade que procura evoluir-se.⁶³

A inquietação quanto à estética da praça ocupava o centro das atenções e, mesmo manifestando-se de forma polêmica em diferentes depoimentos, algo em comum transparecia: as soluções

⁶³ Jornal A Cidade de Santa Bárbara, "O nosso jardim público", 3/dez./1933.

espaciais almeçadas para esse logradouro deveriam trazer em seu bojo algo que revelasse um viés de modernidade e progresso.

Durante a gestão municipal de Plácido Ferreira (1936-1945), foi iniciada a reforma do jardim da praça. Até aquele momento, o jardim ainda era elevado, mais ou menos um metro em relação ao nível das Ruas Graça Martins e Floriano Peixoto, e não tinha calçamento interno. Exatamente no segundo dia da gestão desse prefeito foi iniciada a reforma da praça central, sendo executado, então, o nivelamento da praça em relação ao entorno da calçada, eliminado-se o desnível formado pela esquina das ruas Floriano Peixoto e Graça Martins. Mesmo com tal reforma, ainda permanecia o coreto, localizado ao lado direito da praça, próximo às ruas Santa Bárbara e Floriano Peixoto.

Em 1937, o quadrilátero composto pelo jardim passou a denominar-se Praça Cel. Luiz Alves, em homenagem ao importante industrial da Usina Santa Bárbara, que exercera significativa atuação na política local no período de 1930-1936. Já o quadrilátero da igreja permaneceu com o mesmo nome, Praça Rio Branco.

A necessidade de acompanhar as inovações, tendo como parâmetro os principais centros urbanos do País, manifestava-se enquanto argumento e justificativa da gestão municipal ou ainda, em alguns casos, da própria iniciativa privada.

Santa Bárbara atrai para si a atenção das cidades vizinhas e do Estado de Paulo, com a inauguração de um dos melhores cinemas do interior do Estado. Convém notar que cidades importantíssimas ainda não possuem um prédio para teatro e cinema em proporções e os requisitos de estética, de conforto e de higiene, como do Cine Theatro Santa Rosa.

(...) O prédio satisfaz plenamente a todas as exigências de uma moderna casa de diversões. É um amplo edifício em lindo estylo e de apurado gosto architectônico, de linhas modernas. Com lota-

ção para mais de mil lugares e dotado de todos os requisitos de estética, de hygiene, de acústica e de segurança, apto para preencher plenamente os fins a que se destina como casa de espetáculo. Possui espaçoso palco, amplo salão de espera, ótimo e caro aparelho de projeção importado da Alemanha, igual ao do Cine Ufa, da capital.⁶⁴

Ao longo da década de 40, muitas mudanças estavam por acontecer na área central. Durante a gestão de Plácido Ribeiro Ferreira foram construídos dois caramanchões na Praça Cel. Luiz Alves e mais dois na Praça Rio Branco, nas laterais da igreja matriz, e o “porta-avião”, como popularmente era conhecido o caramanchão central na época. Com o fechamento da Rua Floriano Peixoto durante a gestão de Benedito da Costa Machado (1945-1947), foram erguidos nesse espaço mais dois caramanchões, no mesmo porte e estrutura daquele central (porta-avião). Pelas fotos de 1945, já observamos que estava iniciada a construção desses caramanchões no espaço da Rua Floriano Peixoto. Com tal reforma, a passagem da trânsito foi desviada para a frente da matriz, mas ainda existia o jardim na parte frontal da igreja.

Pouco mais tarde, em 1945, ainda na administração de Costa Machado, foi retirado esse jardim, por solicitação da comunidade, principalmente eclesiástica, como maneira de obter mais espaço para a concentração da população por ocasião das festividades ligadas à própria igreja; permaneceu ainda a passagem de veículos em frente à matriz.

Complementando as inovações na década de 40, foi trocado o relógio da igreja: “O novo relógio terá a estrutura semelhante à atual, um só mostrador, batendo horas e meias horas, e substituindo-o após muitos anos de trabalho para o povo de Santa Bárbara marcando horas exatas e com as sonoras badaladas de seus sinos”.⁶⁵

⁶⁴ Jornal *A Cidade de Santa Bárbara*, “Inaugurado o Cine Theatro Santa Rosa”, 23/abr/1939, n.º 689.

⁶⁵ Jornal *A Cidade de Santa Bárbara*, “Chegou o relógio da Matriz”, 18/ago/1946, n.º 1.049.



Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

No primeiro plano, a Rua Floriano Peixoto, 1937.

Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

No mesmo ângulo, com a retirada das árvores, o novo desenho da Praça Cel. Luiz Alves, 1940, tendo, à direita, a Rua Dona Margarida, à esquerda a Rua Sta. Bárbara e, no primeiro plano, a Rua Floriano Peixoto. Ainda é mantido o grande eixo central, destacado pela presença do caramanchão.





Foto: Augusto Strazdin.

*Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.*

**Vista do interior da
Praça Cel. Luiz Alves
para a matriz, 1941.**

Foto: Augusto Strazdin.

*Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.*

**Vista do interior da
Praça Cel. Luiz Alves,
envolvendo o caramanchão
central, 1941.**



Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

Na década de 40 a reforma da lateral da matriz já estava concluída.

Domingo último, uma comissão de católicos barbarenses foi recebida pelo nosso prefeito municipal, Sr. Plácido Ribeiro Ferreira, afim de tratar de assunto de grande interesse para nossa igreja Matriz. Após a exposição de motivo da visita, o Sr. Prefeito municipal prometeu tomar providências atendendo de boa vontade ao justo pedido da comissão, que se constituiu da reforma do largo da Matriz, demolindo os jardins fronteiros, cortando as árvores e tirando os assentos das pérgolas, localizadas nas laterais da igreja, e calçando o referido largo com mosaico português. Todas estas providências que serão realizadas dentro de prazo relativamente breve, irão melhorar bastante o aspecto da nossa igreja Matriz, que há muito se achava apertada e desaparecida ao meio do arvoredo. Os católicos barbarenses aguardam, confiantes, que a concretização das promessas do Sr. Prefeito municipal, que estaremos certos, não serão olvidadas.⁶⁶

Ao longo do tempo, acentuava-se a vida social da cidade tendo como palco esta praça central. Referência para as festividades religiosas, políticas e ponto de encontro.



Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

Matriz antes da reforma.

⁶⁶ Jornal A Cidade de Santa Bárbara, "As reformas do largo da Matriz", 26/mar./1944.

Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.



Vista do jardim frontal
da matriz, ainda presente
no início da década de 40.



Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

Vista geral da Praça Rio Branco em
1949, após a ampliação da Praça Cel.
Luiz Alves e a retirada do jardim
frontal da matriz, jardim este que
ainda pode ser observado na foto
seguinte.



Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

**Procissão da Irmandade do
Santíssimo, na lateral da Praça
Cel. Luiz Alves (1945).**

Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

**Vista do caramanchão/pergolado, no
interior da Praça Cel. Luiz Alvez (década
de 60). Observamos a vegetação com
maior expressão no final dessa década.**





Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

**Igreja matriz no final
da década de 40.**

O footing é um hábito natural em todas as povoações. Aproveitando-se das horas de folga, as famílias, principalmente a mocidade fazem de determinadas praça, seus lugares de passeio e de distração.

Em nossa terra, as praças Luiz Alves e Rio Branco são as que servem para o footing dos barbarenses.

Entretanto, nessas ocasiões em que o movimento torna-se intenso, o trânsito de veículos,

ao contrário de outras localidades, ainda é permitido, pondo em risco a integridade dos passeantes. Afim de prevenirem possíveis acidentes e de garantirem o sossego dos frequentadores das praças, apelamos à Prefeitura Municipal e à Delegacia de Polícia no sentido de que ali seja terminantemente proibido o trânsito de veículos, nas horas do footing.⁶⁷

O crescimento da cidade trazia novos ritmos e velocidades, que já na década de 40 se manifestavam sob a forma de impacto ao ambiente e aos hábitos existentes. Como se pode notar no depoimento a seguir, os veículos passavam a oferecer aos usuários da praça transtorno e ameaça à segurança.

A “Cidade” [referindo-se ao jornal *Cidade de Santa Bárbara*] por várias vezes, teve a oportunidade de salientar a necessidade de se proibir o trânsito de veículos em torno das praças preferidas pelos barbarenses para o “footing”. Essa medida para gaudio dos freqüentadores daquele aprazível local, acaba de ser adotada pela Prefeitura Municipal. Domingo último, verificamos essa utilíssima providência, com a mudança do itinerário dos veículos, operada em obediência aos avisos afixados nos pontos de junção das ruas e às determinações do senhor fiscal urbano. Resta que esta medida seja duradoura para sossego dos que vão se distrair em passeio pelas praças centrais da cidade.⁶⁸

⁶⁷ Jornal *A Cidade de Santa Bárbara*, “O footing”, 15/dez./1946, n.º 1.066.

⁶⁸ Jornal *A Cidade de Santa Bárbara*, “Proibido o trânsito de veículos nos dias de intenso movimento”, 25/mar./1948, n.º 1.194.

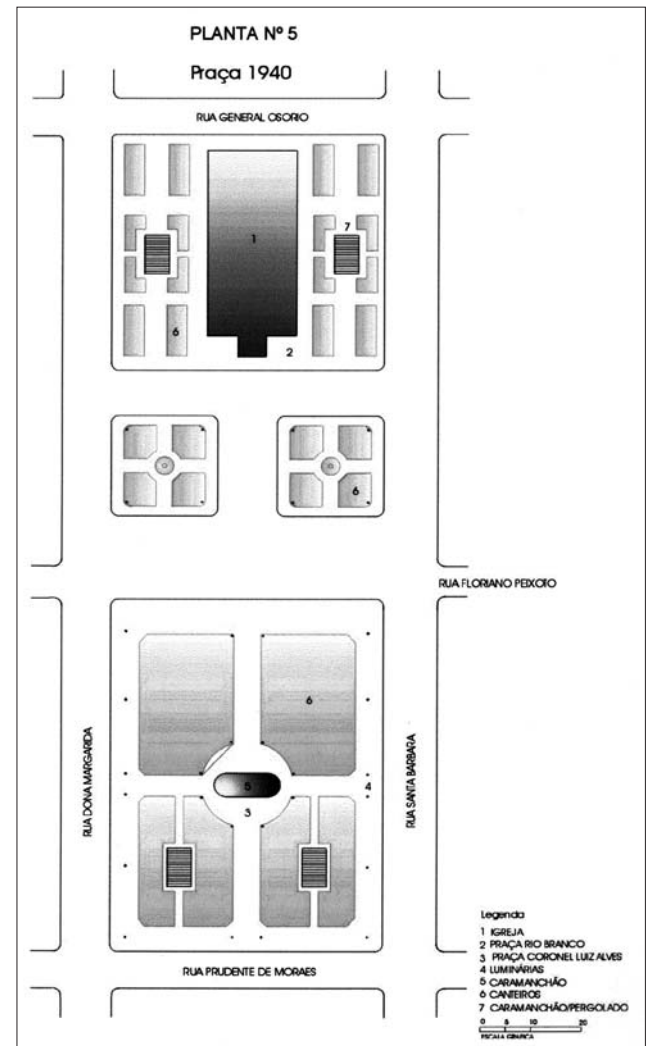
Não apenas o problema do trânsito apresentava-se como centro das preocupações na década de 40, mas o próprio impacto da urbanização sobre a natureza também. Notamos que os problemas atuais não são tão recentes assim. Ainda como manifestação de idéias ambientais, vale notar a questão da degradação das águas do Ribeirão dos Toledos, que desde a década de 40 sofria os impactos da urbanização, atestando a inexistência de qualquer inquietação em relação à preservação ambiental.

Nem quinze dias foram passados e a tragédia de que é palco todos os anos, principalmente o Ribeirão Toledo, se repetiu calamitosamente. As suas águas que, deslizando desde além divisas, circundam a nossa cidade e vão avolumar o Piracicaba, outrora tão piscosas, turvaram-se envenenadas pelo restilo de usinas açucareiras e alcooleiras, aniquilando a vida sub-aquática.

Novamente este crime monstruoso foi perpetuado pelos senhores feudais que desprezando as leis e a vida dos peixes, numa demonstração de maldade e prepotência fizeram jorrar no tranqüilo ribeirão a calda fatal dos seus aparelhos de fabricação. Conhecendo os efeitos desastrosos desses líquidos deletérios, as autoridades competentes já proibiram o seu escoamento nos rios, tornando obrigatório a construção de fossas, onde despejados, sejam absorvidos pela terra. Entretanto, as usinas, quase a cabeceira do Toledos, e na altura do Piracicaba, repetem anualmente esse atentado, sem atender as judiciosas determinações.⁶⁹

E, no final da década de 40, podemos verificar uma expressiva e radical transformação no desenho da Praça Cel. Luiz Alves, que passa a incorporar ainda novos equipamentos urbanos.

Praça central, 1940.



⁶⁹ Jornal A Vanguarda, "Morrem peixes nas águas de Santa Bárbara", 28/ago./1949, n.º 6.

Praça central, 1945.

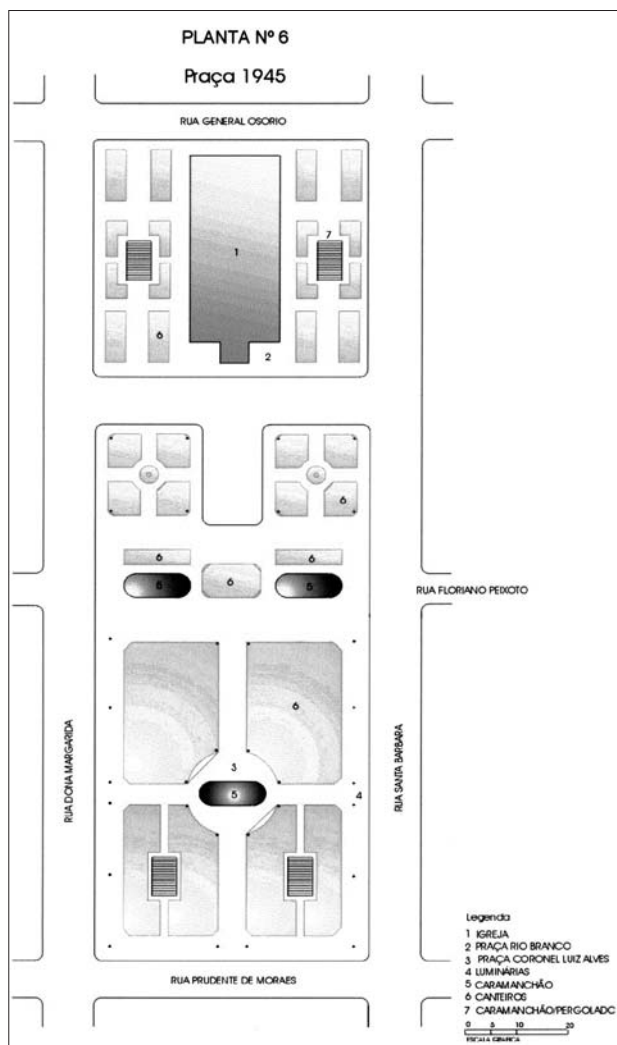


Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

Rua Dona Margarida, entre Rua Floriano Peixoto e Rua General Osório. Observa-se, em primeiro plano, o estúdio fotográfico de Augusto Strazdin. No final dos anos 40 era esta a tipologia dos edifícios que compunham o entorno da praça.

8.

A PRAÇA NAS DÉCADAS DE 50 E DE 60

Um panorama de muito desenvolvimento no País marcava os anos 50. A industrialização como meta prioritária do governo federal repercutia decisivamente a âmbito urbano de nossas cidades. Em Santa Bárbara também manifestavam-se ressonâncias desse novo momento, perceptível pelo ritmo do seu crescimento urbano e pela incorporação das atividades industriais, com o que, cada vez mais, a atividade produtiva do município propiciava contatos com outras regiões, Estados e mesmo o exterior.

Em relação ao nosso objeto de estudo, as transformações não cessaram. Ao contrário, pareciam crescentemente mais intensas. Mas é ainda relevante notar que o discurso político dos governantes municipais traziam no bojo da argumentação para as intervenções na Praça Cel. Luiz Alves um posicionamento permeado pelo modelo desenvolvimentista.

Demarcando um novo período desse logradouro, destacamos a construção nele da fonte luminosa. Durante o segundo mandato de Benedito da Costa Machado (1956-1959), foi retirado o caramanchão no centro da praça em 1958 e, no mesmo local, construída essa fonte. Pela declaração a seguir podemos ter uma idéia da exaltação de tal acontecimento na época.

Embora seja uma obra suntuosa, essa fonte traduz a pujança do nosso povo, atestando o seu notável progresso; nos países alta-

mente industrializados, tais obras suntuosas fazem parte da vida normal do operário que encontra, nelas, motivo de entretenimentos. Em síntese, aquela fonte luminosa veio embelezar ainda mais as noites barbarenses, doando ao viajante que aqui aporta o atestado de nossa grandeza.⁷⁰

Ainda enaltecendo a expressão da praça, podemos observar outra passagem veiculada na imprensa: “esta praça passou por novas reformas. O jardim deu lugar a uma praça com Fonte Luminosa que foi inaugurada em 11 de abril de 1959. Esta fonte foi colocada na principal praça de nossa cidade: a Praça Coronel Luiz Alves”.⁷¹

Verificamos que além do gosto pelo moderno e pela novidade, mesmo que sob forma de arremedo de outras situações e contextos, já na metade do século XX acentuavam-se a importância e a expressão desse logradouro. “A fonte luminosa era uma peça arquitetônica de rara beleza, formando muitas alegorias e cores, em deslumbrante espetáculo pirotécnico de seis metros de altura: era uma fonte moderna.”⁷²

Vejamos algumas características e dimensões projetadas para essa fonte luminosa, retiradas do contrato de prestação de serviços de Alvaro Magalhães Beraldo:

⁷⁰ *Jornal D'Oeste*, 19/abr./1959, n.º 498.

⁷¹ *Jornal D'Oeste*, “Jardim Público”, 8/abr./1962, n.º 647.

⁷² *Jornal D'Oeste*, “Jardim Público”, 8/abr./1962, 1961, n.º 647

Apresentação da
empresa responsável
pela fabricação da fonte
luminosa Independência.

Fontes Luminosas Independencia

Fabricação e Montagem de ALVARO M. BERALDO

R. Vieira de Carvalho, 257 - C. Postal, 224 - Telefone, 232

POUSO ALEGRE — REDE MINEIRA DE VIAÇÃO — SUL DE MINAS

AS FONTES LUMINOSAS «INDEPENDENCIA», SE ENCONTRAM INSTALADAS EM:

Estado de São Paulo: — Cruzeiro, Lorena, Vargem Grande do Sul, Aparecida do Norte, Mogy das Cruzes, Jundiahy, S. Simão, Araras, Dracena, Guarulhos, Valparaíso.

Estado de Minas: — Pouso Alegre, Alfenas, Lambary, Conselheiro Lafayette, Santa Rita do Sapucahy, Belo Horizonte

Paraná: — Ponta Grossa e Paranaguá.

Acre: — Rio Branco (Capital)

Rio Grande do Sul. — Livramento e Erechim

Mato Grosso: — Campo Grande

Uruguay. — Rivera

- a) montada em um pedestal artístico a gosto do interessado, pedestal esse colocado no centro de um lago de 8 ou mais metros de diâmetro por 0,4 ou 0,5 m de profundidade;
- b) fonte luminosa “Independência”: tamanho pequeno, provida de sete grupos de ejetores primários, formando 14 desenhos ou combinações diferentes de jatos d’água;
- c) duração de cada desenho d’água: 30 segundos, ou seja 420 segundos até completar o ciclo;
- d) altura dos jatos d’água: variável, com os mais altos atingindo até 8 m;
- e) projeção de luz de cor: feita por 16 projetores especiais, quatro deles para a cor vermelha, quatro para a amarela, quatro para a verde e quatro para a azul;
- f) projetores de luz de cor: distribuídos e imersos no pequeno lago na parte superior do pedestal, não sendo vistos pelo observador;

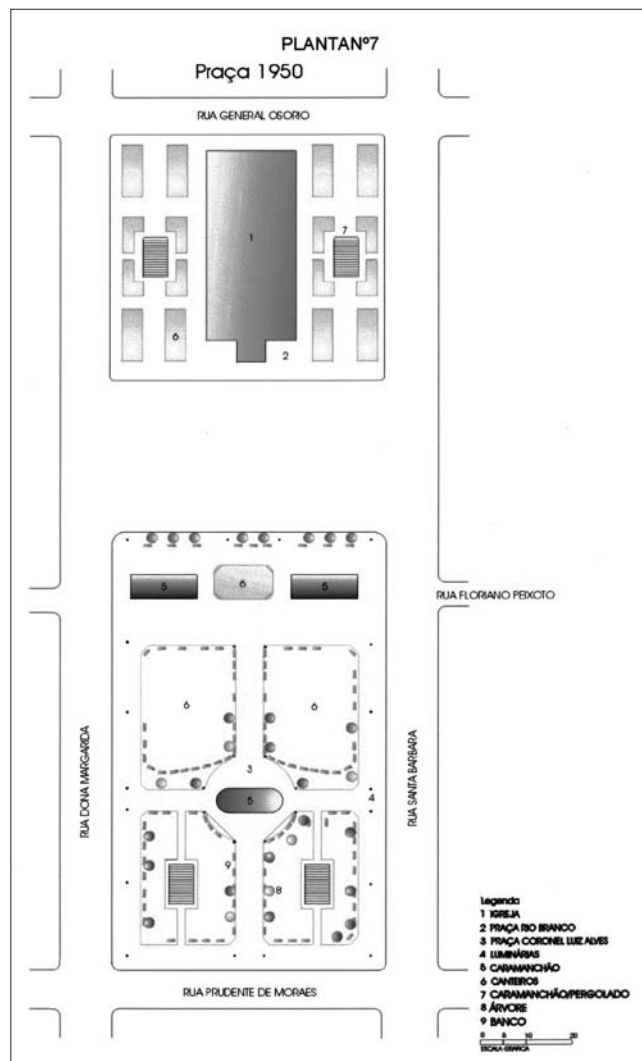
- g) as cores projetadas nos desenhos d’água são as combinações das cinco cores mencionadas, num total de 20 variedades.⁷³

Essa fonte foi adquirida de uma firma de Pouso Alegre, em Minas Gerais, e, pelo que revela a publicidade desta empresa, esse equipamento urbano estava sendo instalado em diversas cidades e até fora do País, mas sua maior difusão aconteceu no interior do Estado de São Paulo.

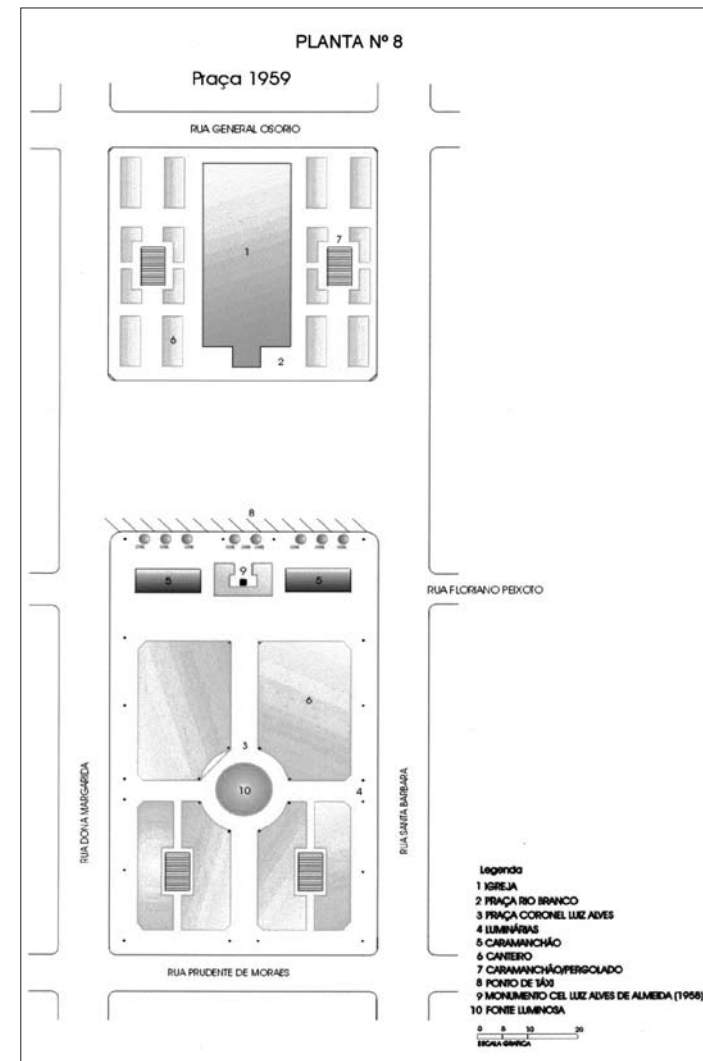
Mas existiam posições contrárias ao ufanismo da modernidade. Isso pode ser verificado em trechos de matérias jornalísticas e documentos de época, nos quais são expressas lembranças do antigo jardim como tendo sido obscurecidas por esse ímpeto de modernidade que a fonte luminosa passava a simbolizar.

⁷³ Alvaro Magalhães Beraldo, “Orçamento proposta, fontes luminosas”, 11/jun./1958, Pouso Alegre, MG. Contrato de prestação de serviços da firma Fontes Luminosas Independência, de A. M. Beraldo.

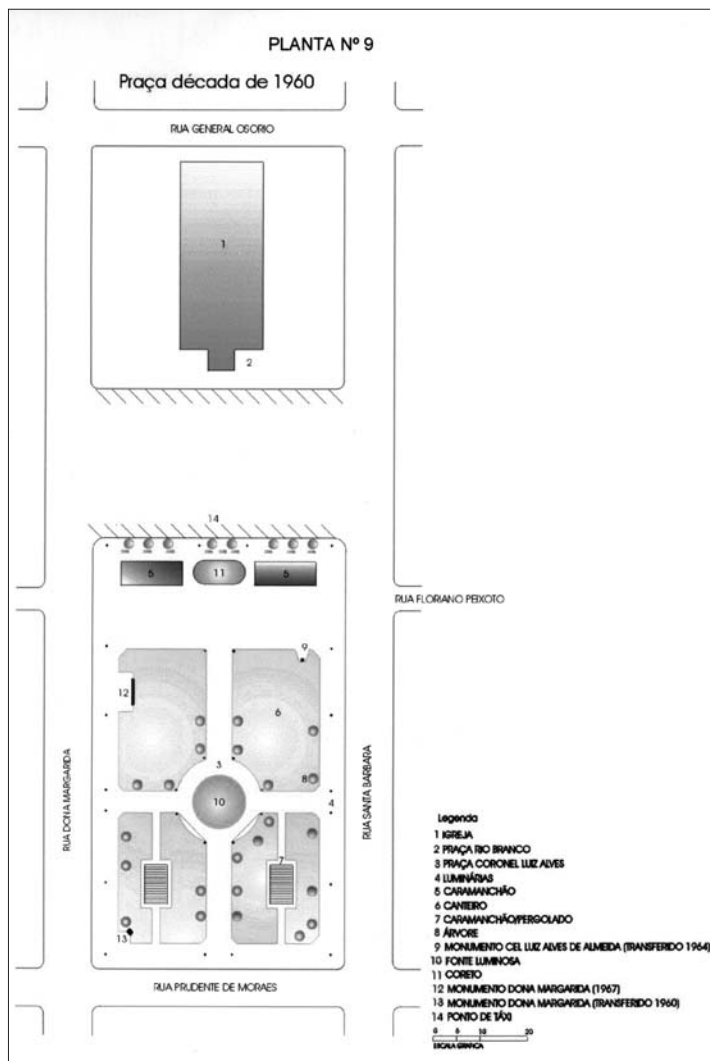
Praça central, década de 50.



Praça central em 1959.



Praça dentral, década de 60.



Autor: Augusto Strazdin.

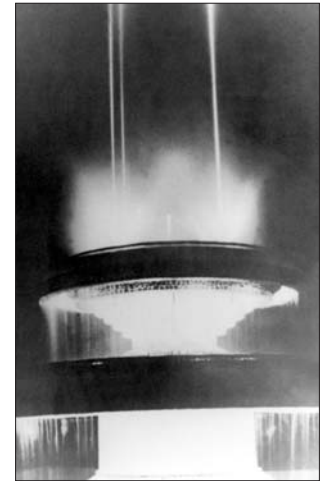
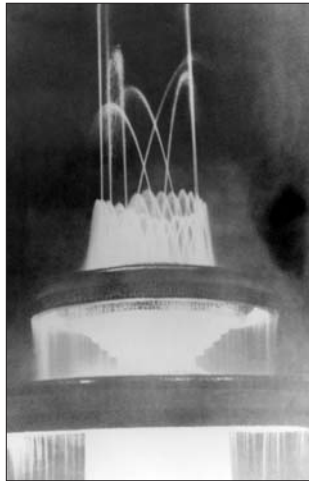
*Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.*

**Inauguração da fonte
luminosa da Praça
Cel. Luiz Alves, em 11
de abril de 1959.**

Autor: desconhecido.

*Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.*

**Movimento do jato d'água e de
luzes da fonte luminosa da Praça
Cel. Luiz Alves, 1959.**



Autor: desconhecido.

*Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.*

**Fonte luminosa da Praça
Cel. Luiz Alves, 1959.**

Porém o velho jardineiro que fora o guardião aposentava-se. Afastou-se aquele mago das flores e da modelagem dos cedrinhos e bruxos. Aquele tapete multicolorido de folhagens, aquelas espécies exóticas de flores de nomes estranhos, na ausência do carinhoso tratamento que lhe dava aquele artista inato, feneceram. Camilo Augusto de Campos saiu, deixando o jardim que fora a menina de seus olhos e vago o seu lugar ficou e de preenchimento difícil. Nova reforma e, com esta, o velho jardim desapareceu para dar lugar a uma monótona praça ensombrada, com uma fonte luminosa, retrato vivo dos dias atuais. Do velho jardim daqueles idos, nada mais resta. Nem mesmo o coreto das retretas na vespertina domingueira e os cedrinhos e os bruxos que a mão hábil de um jardineiro consciente da sua arte dava-lhes as formas mais caprichosas rolavam sob impacto do tufão de um pseudo e insólito modernismo.⁷⁴

Também foi marcante, na história da Praça Cel. Luiz Alves, o papel de transmissão de informações: o serviço de rádio difusão prestado pelo Alto Falante 9 de Julho esteve presente durante três décadas, de 1949 a 1979, por meio do qual eram divulgadas as notícias para a comunidade local.

Se intitulava pomposamente a “pequena voz que transmite por todos os recantos da cidade”.

Com várias cornetas instaladas na cidade seus estúdios funcionavam inicialmente onde hoje funciona o Unibanco, mudou-se na mesma praça ao lado onde funciona o Bamerindus, depois atrás da Matriz e finalmente na Rua D. Margarida, onde hoje está instalado a Jet Color.⁷⁵

Foi sendo progressivamente melhorado este serviço de rádio prestado pelo serviço de Alto Falantes 9 de Julho, ao ser instalado um

novo retransmissor localizado no Alto da Santa Cruz, junto a Vila Pires, Breda e Pacheco.⁷⁶

Durante a administração do prefeito Ângelo Giubina (1964-1969), o jardim passou por nova reforma. Foi construído um novo coreto entre os caramanchões já existentes, reunindo várias funções: um conjunto de sanitários no subsolo, um bar ao nível térreo, conhecido como Bar do Zélo, uma garaparia e ainda, na parte superior, o próprio coreto. Vale observar a inspiração modernista revelada pelas formas dessa construção, na estética adotada pela concepção projetual de tal intervenção, que nos remete ao protótipo de vanguarda daquela época: Brasília, nossa nova capital, então ainda em construção. Em particular, tratava-se possivelmente de uma cópia das colunas do Palácio da Alvorada.

Serviços de Alto Falantes «9 DE JULHO»



**A VOZ
DA
CIDADE**

Estudios: Praça Rio Branco, 609

Farmacia de Plantão — HOJE

☒ — SÃO JOSÉ DE — ☒
oOo João Narchin oOo

⁷⁴ *Jornal D'Oeste*, "Jardim Público", 8/abr/1961, n.º 647.

⁷⁵ *Jornal D'Oeste*, "O alto-falante 9 de julho", 16/ago/1959, n.º 514.

⁷⁶ *Jornal D'Oeste*, 29/mar./53, "Serviço de alto-falante 9 de julho", n.º 192.

A retirada do jardim em frente à igreja, durante a primeira administração de Benedito da Costa Machado (1945-1947), possibilitou que esse espaço fosse usado para maiores concentrações de pessoas, como em comícios, desfiles, carnaval, saída e chegada de procissões.

A praça passava a incorporar e concentrar progressivamente mais atividades sociais e comerciais da cidade, acentuando sua posição de espaço público central.

A maior casa de brinquedos, preços, qualidade, a gosto do freguês. Bazar das novidades.

Praça Rio Branco, 650

Agora aberta até às 22 horas.⁷⁷

Já abriu suas portas a farmácia Drogajurema. Atende a qualquer hora nesta cidade, a Rua Dona Margarida, 676. Drogas nacionais e estrangeiras a preços de Drogaria.⁷⁸

O Srs. Eduardo Suzigan e Cia, estão instalando os maquinários da sua indústria – fabricação aperfeiçoada de camisas – que funcionará a rua D. Margarida 680, onde funciona a “Farmácia Popular”, do Sr. Caetano Giordano⁷⁹

Aguardem para o dia 27 de setembro próximo um grande programa apresentado na Praça Coronel Luiz Alves denominado Serenatas ao Luar, em homenagem a Francisco Alves, por ocasião de seu primeiro aniversário de falecimento. Este programa terá início as 20 horas e será transmitido pelo serviço de Alto-Falantes ‘9 de julho’ devendo tomar além de outros elementos o Sr. José Lara com cômico infantil.⁸⁰

Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

**Coreto Praça Cel. Luiz
Alves (década de 60).**

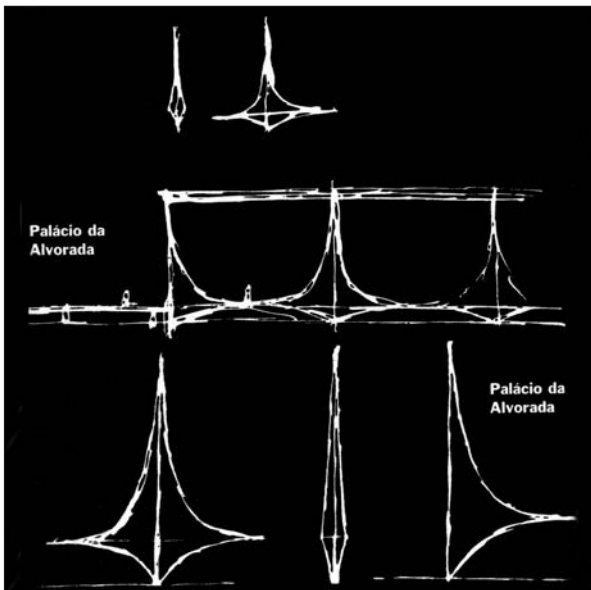


⁷⁷ *Jornal do Povo*, “Bazar das Novidades”, 1.o/nov./1953, n.º 57.

⁷⁸ *Jornal do Povo*, 28/jun./1953, n.º 49.

⁷⁹ *Jornal do Povo*, “Nova indústria”, 7/dez./1952, n.º 22.

⁸⁰ *Jornal do Povo*, “Programa de homenagem a Francisco Alves”, 30/ago./1953, n.º 58.



Desenho do arquiteto Oscar Niemeyer das colunas do Palácio da Alvorada.

Foto: desconhecido.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.



Vista do coreto da Praça Cel. Luiz Alves
(década de 60).

Os equipamentos urbanos existentes na praça também eram disputados para inúmeras utilizações, mas sempre manifestando a grande vitalidade da vida social da cidade.

Sim! Dia 25 de agosto o maior SHOW em Praça Pública, em comemoração ao quinto aniversário da sua Rádio Brasil. A animação a cargo do Coronel Cuco, humorista da Rádio Cometa, com a presença dos seguintes artistas: Saracura, Ruth Amaral, Francisco dos Santos, Roberto Vidal, Mariana Porto de Aragão, Marino Silva, Carlinhos Maffazo (acordionista) Raul Marques e Mariazinha, uma boneca que canta e encanta. Estes artistas de Rádio e Televisão dispensam qualquer comentário e estarão nesta cidade, dia 26, sexta-feira, às 20hs em Praça Pública.⁸¹

Os festejos do ano de São Benedito e São Sebastião, Srs. Jorge Baruque e senhora, Fioravante Furlan e senhora, Dr. Hélio Furlan e



senhora, Antônio Suzigan e senhora, participam ao povo geral, que hoje e todos os domingos seguintes, haverá quermesse com valiosas prendas. As pessoas que queiram dar seu donativo em prendas para a quermesse devem entregar aos festeiros acima mencionados. Portanto, hoje, no caramanchão do jardim, grandiosa quermesse.

Hoje haverá mais uma animada quermesse no caramanchão do jardim.⁸²

Hoje, no caramanchão do jardim, haverá uma retumbante quermesse com valiosas prendas. A comissão pede que enviem prendas.⁸³

Foto: Augusto Strazzin.

Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

Alto-falante 9 de Julho, apoiado no telhado do Bar Santa Lúcia: Rua Dona Margarida, 1960.

⁸¹ *Jornal D'Oeste*, "O maior Show de todos os tempos", 21/ago./1960, n.º 566.

⁸² *Jornal do Povo*, "Quermesse", 3/mai./1953, n.º 42.

⁸³ *Jornal do Povo*, "Quermesse", 30/ago./1953, n.º 58.



Foto: desconhecido.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

Características da tipologia dos edifícios da Rua Dona Margarida, ao lado da Praça Cel. Luiz Alves (década de 50). Observa-se, à esquerda, a agência da Auto Viação Americana (AVA), com embarque e desembarque.

Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.



**Vista da Praça Cel. Luiz Alves.
À esquerda, a Rua Santa Bárbara, anos 60.**

Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.



**Vista da Praça Cel. Luiz Alves.
À direita, a Rua Dona
Margarida (década de 50).**



Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

**Vista da Praça Cel. Luiz
Alves num primeiro plano
e, ao fundo, a matriz
(década de 60).**



Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

**Esquina da Rua Santa
Bárbara com a Rua
Floriano Peixoto (início
dos anos 60).**

Continuam animadíssimas as quermesses no largo da matriz.

Hoje, a quermesse será patrocinada pelas Sr.as. D. Antonia L. Rangel, Nair Avelino e Aracy B. Sampaio, as quais pedem uma prenda.⁸⁴

Em relação ao aumento do trânsito de veículos nessa área central, aqui já referido, algumas medidas passavam a ser adotadas, como necessidade de normas disciplinadoras.

Depois da instalação de placas para parada de ônibus e ruas preferenciais da cidade o Dr. Fernão Monteiro de Barros, digno delegado de

polícia local num esforço dos mais louváveis, acaba de instalar, no cruzamento das ruas Prudente de Moraes e D. Margarida, um poste luminoso de sinalização, que veio contribuir grandemente para evitar possíveis desastres no futuro, pois é nesse cruzamento que se processa maior movimento de veículos.⁸⁵

Ainda esse ano, tivemos a ensejo de ver inaugurado diversos melhoramentos no que concerne ao trânsito da cidade, com estaqueamentos de tabuletas com sinais de paradas proibidas, paradas de ônibus, e das ruas preferenciais, e ainda o poste de sinal na Rua Prudente de Moraes, esquina da Praça Cel. Luiz Alves. Mas como tudo passa isso também já passou a sua época. Agora os veículos fazem suas paradas contramão em qualquer parte da cidade, onde haja ou não movimento de outros veículos ou pedestres, estes que antes podiam atravessar uma rua com maior segurança, hoje já não podem, devido a falta de respeito dos motoristas ou outros veículos, que estacionam quase sempre em contra mão pondo em perigo os transeuntes acostumados a boa disciplina do trânsito.⁸⁶

⁸⁴ *Jornal do Povo*, "Quermesse", 20/set./1953, n.º 61.

⁸⁵ *Jornal do Povo*, "Sinal Luminoso", 31/ago./1952, n.º 9.

⁸⁶ *Jornal do Povo*, "Problemas da Cidade com o trânsito", 25/out./1953, n.º 66.

Por certa imposição, buscando espelhar-se nas regras dos bons costumes de um “mundo civilizado”, podemos verificar nesses depoimentos certa regra disciplinadora de uma conduta desejada.

A empresa Alfredo Maluf, comunica aos distintos freqüentadores do Cine Santa Rosa, que a partir de amanhã, fica suspensa a entrada de pessoas que não estejam devidamente trajadas e sem paleto, bem como não poderão tirá-lo dentro do espetáculo. Espera também que todos coopecem nesta medida, o que por certo muito beneficiará o bom costume.⁸⁷

Um fato novo que está a merecer a atenção da nossa autoridade policial costumes é o de rapazes e crianças nadarem, quase todas as tardes no Ribeirão Toledo. Às portas da cidade e perto de residências, em completa nudez este atentado aos bons deve ser reprimido com severidade.⁸⁸

No início dos anos 60, sob a administração do prefeito Dirceu Dias Carneiro (1960-1963), novamente outra inovação era colocada em pauta: defendia-se o projeto de uma concha acústica a ser edificada ao lado da matriz.

Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

**Esquina da Rua
Dona Margarida
com a Rua Floriano
Peixoto.**



⁸⁷ *Jornal do Povo*, “Cine Santa Rosa”, 17/ago./1952, n.º 7.

⁸⁸ *Jornal A Vanguarda*, “Banhistas em plena nudez”, 16/abr./1950, n.º 38.



Foto: desconhecido.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

**Esquina da Rua Sta. Bárbara com a
Rua General Osório. No primeiro plano
encontra-se o prédio do Teatro Íris
(década de 50).**

Foto: desconhecido.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.



**Vista da Praça Cel. Luiz Alves,
tendo como fundo o prédio da matriz
(início da década de 60).**

Será um melhoramento público que muito contribuirá para a estética da nossa principal praça, embelezando-a, e para estímulo e desenvolvimento da nossa arte musical popular.⁸⁹

Nesse artigo é defendida a idéia da concha, comparando-a a soluções modernas empregadas, por exemplo, nos EUA, enquanto possibilidade de superação da concepção dos coretos, segundo o artigo, como reconhecida mentalidade ultrapassada. Assim, registrava-se novamente o compromisso com o desenvolvimento, com a modernidade, através da incorporação de um novo elemento ao então espaço da praça.

Até os anos 70, continuavam a existir os caramanchões, o coreto e as ruas ainda calçadas por paralelepípedos.

A praça dos anos 50 pouco tempo permaneceu, pois, logo depois, foi também substituída por um novo arranjo formal. Essas transformações, que constantemente redefiniam um cenário diferente para a Praça Cel. Luiz Alves, se por um lado eram justificadas pelo mesmo discurso da modernidade, por outro ainda manifestavam um posicionamento contrário a essa modernidade, segundo uma postura saudosista que defendia a permanência da configuração espacial deste logradouro:

A oitava maravilha (a fonte luminosa) que os antigos barbarenses, como também os atuais, se recordam de quando em funcionamento principalmente no verão, a brisa suave da fonte, conforme soprava de leve o vento tropical.

Quantas saudades do nosso jardim, da nossa fonte, dos passeios, que a moçada dos anos idos de 1930, 1950, quando se quadrava o jardim, afim de tirar linha com as moças, o mesmo elas faziam com os moços.⁹⁰

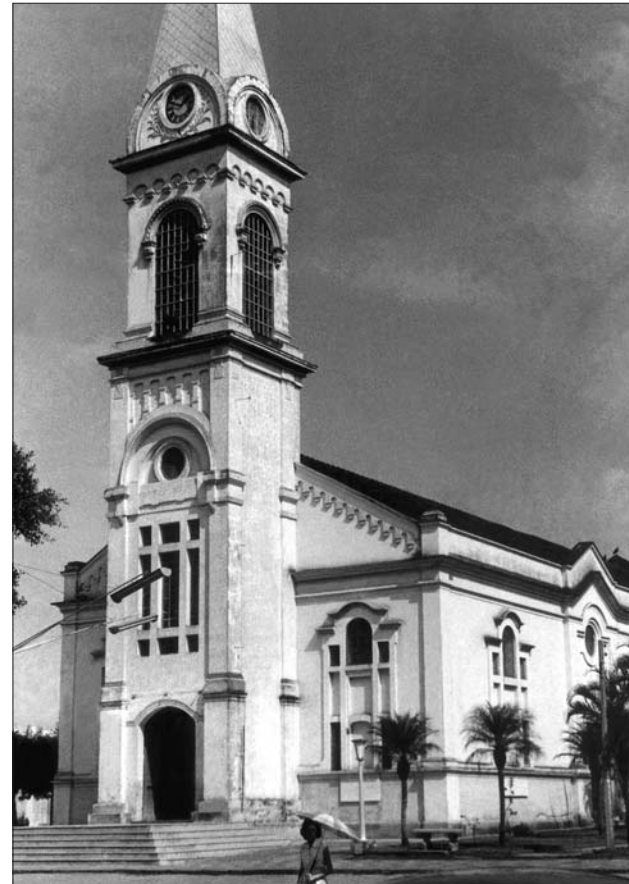


Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

Vista da matriz, observamos novas luminárias com lâmpadas fluorescentes, alterando significativamente a paisagem urbana do local (década de 60).

⁸⁹ *Jornal do Povo* "A nossa concha acústica", 21/mai./1961, n.º 302.

⁹⁰ Depoimento do morador da cidade Lourival Pires Barbosa (texto inédito, s/d, da Série Recordando, por ele próprio assim denominada).

9.

DOS ANOS 70 AOS DIAS ATUAIS

Nos anos 70, durante a gestão de Tourinho (1973-1977), como era conhecido o prefeito Walter Landucci, foi instalado na Rua Floriano Peixoto, em frente à matriz, um relógio de sol, mas que pouco tempo permaneceu no local.

Dotada de mais um novo equipamento, a matriz preparava-se para entrar nesta nova década com outro relógio: agora, um carrilhão, composto por seis sinos eletrônicos.

Comemorando condignamente o dia de Santa Bárbara, nossa padroeira, foi inaugurado ontem (Sábado), o novo relógio da Igreja Matriz de Santa Bárbara, juntamente com os carrilhões, composto por sinos eletrônicos. São dois importantes melhoramentos para nossa principal Igreja, e que virá dar outro aspecto, embelezamento ainda mais a praça.⁹¹

Ainda ao longo da década de 70, as manchetes dos jornais locais anunciavam algumas possíveis novas transformações espaciais na praça. Dessa vez as transformações colocavam em cheque a importância de resgatar melhores condições para o pedestre, o que indiretamente também implicaria melhoria para o comércio local. Tal discussão adquiriu maior expressão no início dos anos 80, destacando-se nos periódicos locais: “Calçada no centro. Uma idéia questionável. Querem mudar outra vez a nossa praça. Para melhor?”⁹²

Já no final da década de 70, esta idéia de calçada era bastante difundida em diversas cidades brasileiras: permanecia o conceito de modernidade, de inovação e do arremedo do que estava acontecendo em outras localidades, associado à preocupação de trazer algo mais próprio ao pedestre.

A prefeitura municipal pretende modificar bastante o centro da cidade, deixando-o mais atraente e confortável, oferecendo à população mais conforto e um aspecto visual mais moderno, com a instalação do chamado calçada – centro de lazer, só para pedestres. O projeto que ainda está em estudo, pretende a substituição dos bancos por outros mais modernos e confortáveis, um sistema de iluminação mais avançado e prevê ainda o aproveitamento de uma das ruas que formam o quadrilátero para que seja o local do calçada.⁹³

Sempre alvo de especulações e transformações espaciais, nos anos 80 a proposta de construção de um calçada passa a representar uma polêmica, em torno da qual gravitavam os que a aceitavam e aqueles que se colocavam contra ela.

Em Santa Bárbara D'Oeste, é tempo de repensar sobre sua praça principal, hoje com um crítico sistema de iluminação, merecendo mesmo profundas alterações. Entretanto, a prefeitura lançou através de sua assessoria de imprensa, um balão de ensaio sobre a

⁹¹ *Jornal D'Oeste*, “O novo relógio da Igreja Matriz”, 5/dez./1971, n.º 1.398.

⁹² *Jornal D'Oeste* “Calçada no centro: uma idéia questionável”, 28/fev./1981, n.º 2.349.

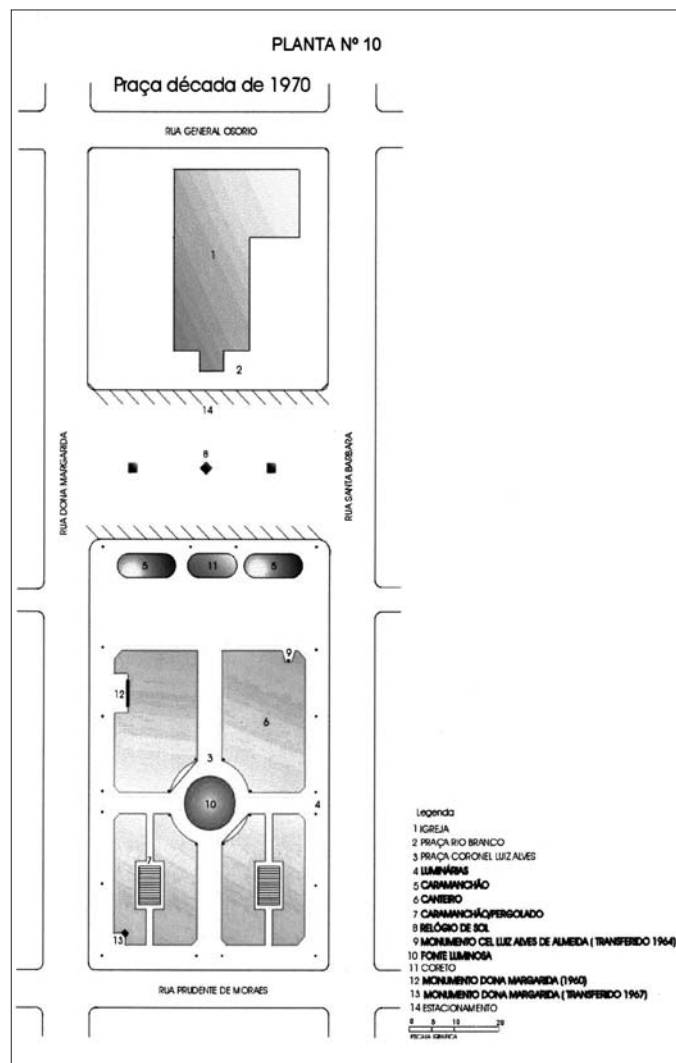
⁹³ *Idem*.

implantação de um calçadão – área de recreio destinada exclusivamente aos pedestres, necessitando portanto de bloquear uma rua ao tráfego de veículos.⁹⁴

Entre a euforia manifestada pela possibilidade da inovação e os protestos dos que preferiam a conservação do antigo traçado, foi concretizada em 1987 a mais recente reforma dessa praça, com a construção deste calçadão.

Durante a gestão do prefeito José Maria de Araújo Júnior (1983-1988), houve iniciativa de consultar a população para conhecer suas expectativas em relação a melhoramentos na área urbana. Para tanto, foi executada uma enquete, com a instalação de 20 urnas espalhadas pela cidade. Como resultado dessa pesquisa, entre as três questões mais citadas estava presente a necessidade da Praça Central ser reformada.

Praça central, década de 70.



⁹⁴ *Jornal D'Oeste*, 8/mar./81, n.º 2.352.

Foto: Augusto Strazdin.

*Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.*



Vista da Praça Cel. Luiz Alves, década de 70. Observamos, ao fundo, a ampliação da lateral, ao lado direito da Matriz.

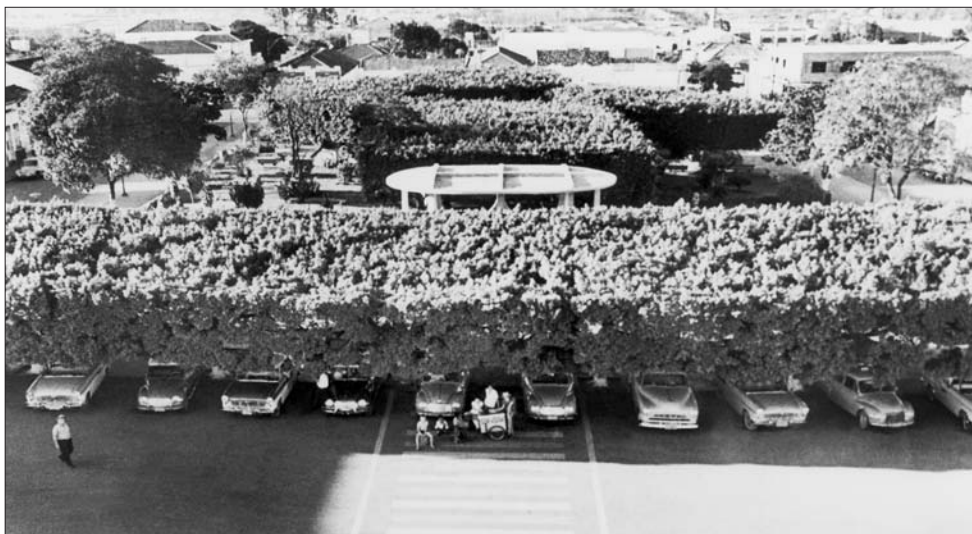


Foto: Augusto Strazdin.

*Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.*

Vista da Praça Cel. Luiz Alves, a partir da frente da matriz. Observamos a cobertura do coreto, demarcando o eixo principal da praça.



Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

Conjunto de adolescentes, representando o clube dos engraxates, que funcionava no mesmo prédio do coreto. Ainda existem os caramanchões e as ruas eram calçadas por paralelepípedos, anos 70.

Tendo por base tal avaliação, Araújo Júnior encaminhou a elaboração de um concurso de projeto urbanístico para reforma da praça. As propostas foram apreciadas por várias instituições e associações locais: associação comercial, associação dos engenheiros e arquitetos, entre outras.

Venceu a proposta que trazia a concepção de um calçadão, solução bastante veiculada àquele época. Novamente o uso de uma idéia recente, de uma inovação que despontava em algumas cidades, estava sendo aqui aplicada.

A transformação ocorrida no final dos anos 80 definia um novo cenário, podendo ser entendida como a mais radical de todas as reformas por que passou a praça. “A nova praça é o

centro das atenções. De maneira geral, a maioria das pessoas deixava claro sua aprovação à nova praça, obra tida como prioritária pela própria população, e por isto foi praticamente aceita sem restrições pelos que nela se dirigem diariamente após a inauguração.”⁹⁵

A maior transformação dizia respeito, sem dúvida, ao jardim: passou a ser ligado ao calçadão, alterando completamente a fisionomia do local e implicando, conseqüentemente, o fechamento de algumas ruas laterais. Não demorou muito para que tal projeto começasse a ser questionado. Entre as propostas mais fortes estava presente a de retirada do calçadão, como alternativa para devolver maior fluidez ao trânsito, uma vez que

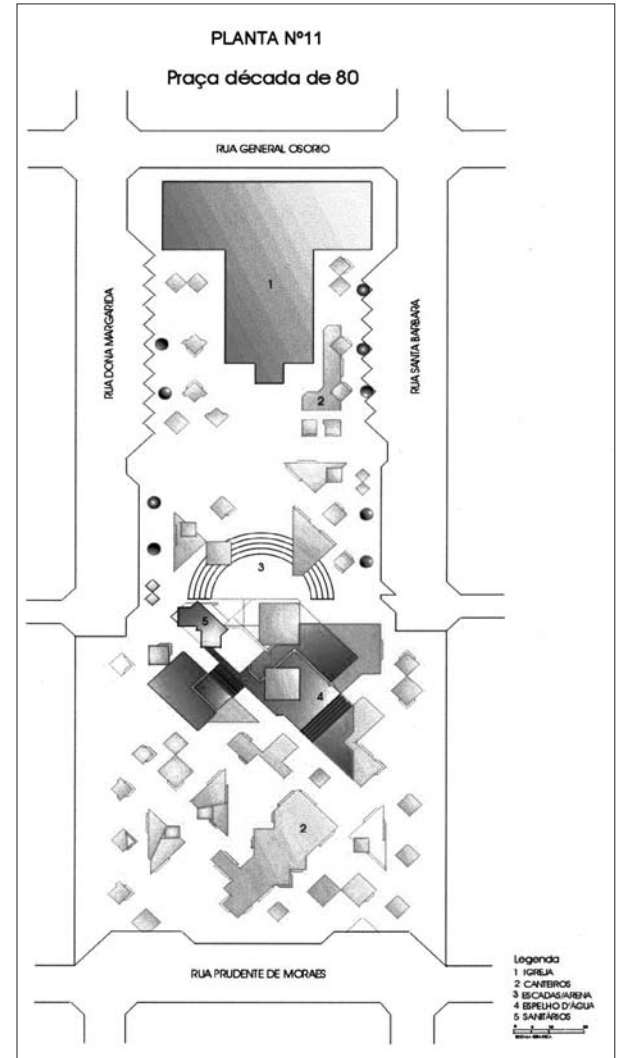
⁹⁵ Jornal *Diário de Santa Bárbara*, “A nova praça é o centro das atenções”, 22/dez./87, n.º 429.

este apresentava-se bastante comprometido. “É lógico que se gastou algum dinheiro para modificar a fisionomia da praça Coronel Luiz Alves, agora estão querendo gastar outro tanto, talvez uma soma bem maior para voltar tudo como era antes?”⁹⁶

Na polêmica, no início da década de 80, entre os que apoiavam e aqueles que eram contra o projeto de fechamento da lateral da igreja para criação de um calçadão integrado à praça, venceu a idéia da novidade. Porém, mesmo concretizando-se o calçadão e a reforma inovadora da praça, até hoje arrasta-se essa mesma discussão, e certo descontentamento. Implementado o projeto, o questionamento permaneceu, polemizando-se a respeito de sua permanência ou retirada. Tal polêmica divide opinião da população; comerciantes, usuários e políticos posicionavam-se de forma distinta.

No momento a prefeitura desenvolve uma nova proposta de intervenção no local, onde fica considerada a possibilidade de abertura do calçadão localizado nos trechos das Ruas D. Margarida e Santa Bárbara, visando sobretudo melhorias para o sistema viário. De um lado os comerciantes que defendem a abertura, e de outro os que defendem a manutenção do mesmo.⁹⁷

Praça central, década de 80.



⁹⁶ Jornal *Diário de Santa Bárbara*, “Calçadão, uma regressão no tempo”, 27/fev/97, n.º 2.611.

⁹⁷ Idem.

É evidente a dimensão das mudanças dessa praça no contexto da cidade, sobretudo em função da presença de novos equipamentos e usos. A antiga praça, como local dos encontros, dos comícios políticos, de apresentação de desfiles e de festas religiosas, vai se perdendo no tempo. Nas palavras de Lourival,

o Barbarense tinha direito a sua livre locomoção, fazendo uso dos pés, de bicicletas, carros, motos, até passeio a cavalos e charretes, pois cada pessoa usava a sua imaginação para sua livre passagem, seja qual o estilo fosse, pois não havia o famigerado progresso, sinalização de trânsito e outros bichos, mão única, contra-mão, estacionamento proibido e o mais importante não havia roubos de espécie alguma, todos se conheciam e se respeitavam.

Os andarilhos começaram a tomar conta do Jardim, fazendo do mesmo o hotel das estrelas, afugentando os velhos freqüentadores, na maioria pessoas idosas e aposentadas.⁹⁸

Nessa pequena transcrição podemos ver que as lembranças da praça, enquanto modelo de uma concepção adequada do espaço, estavam associadas às décadas anteriores à de 80, registrando-se em muitos sentidos a perda da qualidade e da essência em relação à concepção da “praça atual”.

Hoje quando passamos perto desse local, sentimos saudades do Barzinho do Zélo e também da garaparia, quando saboreávamos aquela guarapa, a boa cervejinha, refrescos e salgadinhos, como também as reitras musicais apresentadas pelas nossas corporações musicais.

Enfim, saudades, de um passado não muito distante, que poderíamos Ter, se não fosse a capacidade destruidora dos homens que

querem modernizar o mundo, acabando com o meio ambiente e decretando o seu fim.⁹⁹

Nesse processo de intensa transformação, o cenário atual representa muito pouco do existente no início do século XX. Pudemos assistir, nesse percurso histórico, uma gradativa renovação, sem volta, configurando outro contexto para a praça, atualmente cercada por edifícios. “Sala assoalhada, janelas altas em madeira, abertas para o cenário do largo da Matriz, de onde se apreciava toda a movimentação da praça, principalmente nos dias de festa. Assim era a casa de José Domingues, situada à esquerda da Matriz de Santa Bárbara, até dias atrás.”¹⁰⁰

Hoje em dia, muito pouco restou nessa praça que pudesse testemunhar períodos anteriores. Os ipês amarelos, sem dúvida, entre poucos outros elementos existentes, estabelecem essa conexão com o passado.

Ainda me lembro quando o funcionário da Prefeitura, Benjamim Wiesel (falecido) plantou na praça os ipês. Todo dia ele vinha regar e cuidar. Isso por volta de 1952, na época em que o comendador Emílio Romi era prefeito da cidade.

Acompanhei o crescimento e florescimento desses ipês por muitos anos.¹⁰¹

Como já assinalamos, parece que a aprovação desse projeto dos anos 80 não significou exatamente um consenso, uma vez que ainda nos dias de hoje a polêmica com relação à reabertura do calçadão na praça continua. “Por que não se realizar um plebiscito junto à população local para ver se eles querem a reaber-

⁹⁸ Depoimento do morador da cidade Lourival Pires Barbosa (texto inédito, s/d, depoimento da Série Recordando, por ele próprio assim denominada).

⁹⁹ Idem.

¹⁰⁰ *Jornal Diário de Santa Bárbara*, “Demolido o mais antigo prédio de centro”, 15/jul./93, n.º 1.536.

¹⁰¹ *Jornal Diário de Santa Bárbara*, “O velho ipê continua chamando a atenção, quem afirma é o aposentado Antônio de Campos, 83 anos”, 10/mar/1997.

tura da praça e a zona azul. A maioria iria prevalecer e aqueles que perderem iriam se conformar.”¹⁰²

É relevante notar que nessa controvérsia prevalece como parâmetro para avaliação de tal intervenção o aspecto do comprometimento do centro comercial pelo projeto em questão, e, infelizmente, a praça não mais é pensada enquanto local do encontro, da permanência das pessoas. Atualmente, ela é concebida como local de passagem, portanto, tende a ser avaliada sob a ótica da fluidez do trânsito, no que a primazia dos veículos prevalece sobre o pedestre.

Para aqueles que puderam acompanhar tantas alterações espaciais ocorridas ao longo da história dessa praça fica um sabor de desagrado ou mesmo de indagação, à espera sempre de

uma nova intervenção: e agora, o que ainda vai acontecer com a nossa praça?

Se, para alguns, era a perda da tradição o que as transformações na praça esboçavam, para outros tais transformações também refletiam a perspectiva de progresso, ou mesmo uma possibilidade política de projeção dos seus governantes.

E a polêmica entre permanecer sendo o que é e a possibilidade de inovações se mantém.

Passou-se o tempo e o jardim foi sendo reformado, trocando as árvores por outras mais ricas em colorido e perfume: o coreto mudado, passando por melhorias das quais necessitava. Depois disto a praça passou por várias reformas, ficando sem uma tradição histórica.

Fonte: Maria Cecília Linardi.

Praça Cel. Luiz Alves, com ipê amarelo (set./99).



¹⁰² *Ibid.*, 10/mar./1997.



Foto: Antonio C. Angolini.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

**Praça Cel. Luiz Alves,
com espelhos
d'água, 1999.**

(...) Acho que estamos precisando de uma praça moderna e digna do grande progresso que estamos presenciando nos quatro anos.¹⁰³

Passado pouco mais de uma década de existência deste calçadão, ainda perduram algumas indagações: seria ele o gerador dos transtornos com relação à circulação no centro da cidade? O problema de falta de estacionamento na área central seria provocado pelo calçadão? Daria para melhorar a situação atual com a abertura desse calçadão, voltando à antiga configuração dos anos 60?

Em todo caso, se para o trânsito motorizado no centro da cidade o calçadão cria algum tipo de problema, para os pedestres parece que o mesmo não é válido.¹⁰⁴

Tem contribuído ainda para a mudança do cenário desse logradouro sua própria vegetação. Algumas espécies vegetais não têm resistido aos anos, e começam a fenecer. Nos anos 90, a praça perdia mais um ficus, espécie da família das moráceas, presente em muitas praças e ruas do município e que oferecem muita sombra. Segundo depoimento de frequentadores do local, alguns dos ficus mais antigos de Santa Bárbara se encontram justamente nessa praça, plantados por volta dos anos 40. “O Departamento de Meio Ambiente da Prefeitura substituiu há alguns meses uma árvore ‘morta’ no ponto de táxi da Rua D. Margarida, pois havia secado. Agora, outra árvore bem no centro da praça, secou e vai ficando para a recordação, causando mudança no aspecto do lugar.”¹⁰⁵

¹⁰³ Jornal *Diário de Santa Bárbara*, “Calçadão no centro. Uma idéia questionável”, 28/fev/1981, n.º 2.349. Depoimento de Jurandir Cesta Bignotto, presidente da Associação Comercial e Industrial de Santa Bárbara (ACISB).

¹⁰⁴ Jornal *Diário de Santa Bárbara*, “Barbarenses discutem a reabertura do calçadão”, 2/fev/1997, n.º 2.591.

¹⁰⁵ Jornal *Diário de Santa Bárbara*, “A praça perde mais um ‘ficus’”, 18/jan./1996.



Foto: desconhecido.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

Vista da parte frontal da matriz, a partir do desnível existente atualmente na Praça Cel. Luiz Alves.

Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

Vista da matriz, a partir da Rua Prudente de Moraes, destacando-se claramente um significativo eixo central (início da década de 30). Se comparado com a foto anterior, percebemos a perda deste visual demarcado por tal eixo, sobressaindo-se o prédio da matriz.





Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

**Praça Rio Branco,
Rua Santa Bárbara
(anos 30).**

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

**Destaque da residência,
situada ao centro da foto.**



Foto: desconhecido.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

**A mesma residência, sendo
demolida em 1993.**



Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

**Vista da Rua
Dona Margarida
(década de 30).
Destacamos o sobrado,
ao centro da foto,
que ainda permanece
até os dias atuais
(ver foto seguinte).**



Foto: Maria Cecília Linardi.

**Vista da Rua Dona
Margarida, na lateral da
matriz, registrando-se,
atualmente, o sobrado
dos anos 30.**



10. CONCLUSÃO

Pudemos verificar na evolução histórica da Praça Cel. Luiz Alves um intenso e constante processo de transformações espaciais, marcado por uma incessante busca de inovações. Mudanças foram incorporadas em diferentes aspectos, assinando momentos específicos: a banda e o coreto, o frescor e as luzes da fonte luminosa, o flerte e o *footing*, o Alto Falante 9 de Julho e os caramanchões, entre outros elementos, progressivamente substituídos por novos modelos espaciais e de uso. A análise desse logradouro, ao longo das décadas de sua existência, permite reconhecermos paisagens urbanas sensivelmente diferenciadas.

As premissas básicas que davam sustentação a mudanças tão radicais justificavam-se por um denominador comum: o ímpeto pela renovação espacial. E com ela percebemos a ausência de preocupação ou mesmo de compromisso ligado à revitalização espacial. Ao contrário, essas transformações espaciais foram marcadas essencialmente pela renovação, em que a forma preexistente é absolutamente colocada de lado, ou seja, ignorada.

A opção pela renovação urbana nesse contexto foi concebida enquanto artifício, e mesmo como condição inquestionável, para chegar a um nível de elaboração espacial no qual fosse possível espelhar desenvolvimento e modernidade, destacando, assim, o município entre os demais.

Ao nos referirmos às intensas modificações que ocorreram na praça central de Santa Bárbara d'Oeste, além das intervenções no espaço da praça propriamente, também estamos aludin-

do às transformações que aconteceram no seu entorno: nos edifícios, no aumento da circulação de veículos e de pessoas, nos modos de uso e de ocupação, no mobiliário urbano, na vegetação, nos cartazes e luminosos, na iluminação pública e na tipologia dos edifícios.

Buscando avaliar a dimensão de tais mudanças, primeiramente observamos que essas inovações espaciais, de modo geral, têm possibilidade de induzir a transformações em termos de hábitos e costumes dos usuários. Isoladamente ou em grupo, esses usuários podem ser diretamente afetados pelo espaço construído, com o que podem expressar interação, identidade, domínio, segurança ou solidão. Observa-se, enfim, que tal espaço pode eventualmente ser uma resposta às características e necessidades de seus usuários construtores, ou mesmo ser algo imposto e, desta forma, distante das especificidades da coletividade.

Nessa reflexão, acreditamos que as transformações espaciais ocorridas na praça, sobretudo a partir das últimas quatro décadas do século passado, apresentaram-se distantes da realidade e particularidade de seus usuários. E, ainda, que o impacto de tais transformações foi intenso a ponto de permitir apagar totalmente vestígios da história da praça, que, hoje em dia, subsiste apenas como registros esparsos, presentes na memória de seus usuários mais antigos.

Ao que tudo indica, a Praça Cel. Luiz Alves não teve ao longo de sua história de sucessivas transformações nenhum outro logradouro público na cidade que pudesse lhe oferecer concorrência.

Talvez o próprio fato de ter sido sempre considerada o principal e mais importante logradouro de Santa Bárbara tenha favorecido a ocorrência de tantas mudanças, representando, assim, também o centro das atenções e o foco das transformações.

Verificamos ainda na trajetória de inovações desta praça uma sucessão de modificações que transcendem o nível da forma, incorporando também o próprio sentido religioso. Nesse aspecto vale ter como referência o estudo *Nosso Chão: do sagrado ao profano*, de Murillo Marx (1988), no qual é analisada a evolução dos logradouros centrais na cidade de São Paulo, afirmando que “o conjunto de registros relativos a ruas, largos e jardins levam a certas conclusões, perfeitamente generalizáveis para o resto do país”.¹⁰⁶ Entre os aspectos abordados pelo autor, destacamos a ênfase dada ao espaço de domínio e uso comum do povo paulistano, que ao longo de mais de quatro séculos sofreu lenta e progressiva laicização.¹⁰⁷

Percebemos em nosso objeto de estudo certo rebatimento desse processo de mundanização do logradouro público relatado por esse autor, muito embora o período histórico que tivemos a oportunidade de estudar envolva pouco mais de um século. Mesmo tratando-se de um breve período, observamos que a praça central de Santa Bárbara d’Oeste, conhecida como Largo da Matriz, foi inicialmente demarcada como espaço eclesiástico, passando progressivamente, ao longo das reformas e incorporações de inovações aqui assinaladas, por um processo de secularização. Cabe ainda registrar a afirmação de Murillo Marx quanto à evolução do espaço urbano no Brasil apresentar-se segundo um desenrolar histórico que lentamente caminha do sagrado ao profano, isto é, passando de uma predominância religiosa em

sua gênese para um estágio secular nos dias atuais. E faz a seguinte complementação: se as normas eclesiásticas perderam sua vitalidade no decurso do tempo, as civis se mostraram frágeis, daí o usual desrespeito por nossas áreas comuns. “O sacro quase desaparecido, o mundano mal nascido.”¹⁰⁸

No Largo da Matriz barbareense, no pouco tempo de sua existência, novos usos relativos às necessidades da vida urbana sobrepuseram-se ao original, impondo-se aos de necessidades litúrgica. Verificamos pelo nosso estudo, à luz da observação de Murillo Marx, uma queda da influência eclesiástica em oposição a um prosperar da imposição civil. Porém, essa imposição civil parece estar totalmente ao sabor de interesses distantes da coletividade.

Complementando essas conclusões, procuraremos a seguir contextualizar nosso objeto de estudo em um panorama mais amplo, pois as transformações aqui assinaladas não devem ser compreendidas enquanto um fato isolado ou mesmo particular à localidade, mas como reflexo de muitos aspectos, de tendências gerais.

Nesse sentido, teceremos alguns comentários sobre a cidade contemporânea de forma geral, que parece constituir um pano de fundo para visualizarmos a especificidade do logradouro em questão. Inicialmente cabe sublinhar que a própria essência da cidade contemporânea revela-se na submissão à nova ordem presente na esfera da produção e do consumo. Mediatizada pela publicidade e pelo discurso da “necessidade” do progresso, essa ordem tem grande capacidade de redefinição das cidades; por *redefinir* a cidade, entendemos a destruição dos seus espaços, regras, valores, idéias, presentemente obsoletos em intervalos de

¹⁰⁶ MARX, M., 1988, p. 199.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 199.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 7.

tempo cada vez mais reduzidos. Essa nova ordem reconstrói a cidade como o local das novidades, do arsenal de imagens e representações, cenários e situações vividas no cotidiano.

Se pensarmos ainda em termos mais abrangentes, podemos concluir que a própria produção implica ritmos intensos de destruição, destruição esta condição básica da existência material mesma dos homens, já que o “próprio ato de produção é pois, em todos os seus momentos, também ato de consumo”.¹⁰⁹ Mas a grande especificidade da atualidade parece residir no nível alcançado pela destruição. Atualmente a destruição atingiu patamares inimagináveis de alcance, a ponto de nem mesmo ser capaz de causar impacto: o cidadão aceita cotidianamente o desperdício sem culpa, sendo o desgaste e a destruição promotores e sustentadores dessas transformações, criando as próprias transformações.

Conseqüentemente, vivemos um momento de multiplicação intensa da produção e fluidez dos objetos, do próprio espaço construído, permitindo cada vez maior acesso a esses bens e, dessa forma, acelerando a sua própria obsolescência. Entendemos que as cidades, nos dias de hoje, tendem a ser literalmente consumidas: tudo é facilmente colocado abaixo, com as edificações urbanas parcial ou totalmente renovadas para ser possível, finalmente, ter-se algo “necessariamente” novo e inusitado, trazendo em seu bojo o estigma sempre presente do temporário e passageiro. Na verdade, a destruição se constitui simultaneamente em necessidade e expressão da sociedade de consumo, como afirma Baudrillard:

a sociedade de consumo precisa dos seus objetos para existir e sente necessidade de os destruir. O ‘uso’ dos objetos conduz apenas ao seu desgaste lento. O valor criado reveste-se de maior

intensidade no desperdício violento. Por tal motivo, a destruição permanece como alternativa fundamental da produção: o consumo não passa de termo intermediário entre as duas. No consumo, existe a tendência profunda para se ultrapassar, para se transfigurar na destruição. Só assim adquire sentido.¹¹⁰

Vivemos, igualmente, a inauguração do era do *happening* e do descartável, em relação aos lugares, às manifestações culturais, aos valores e aos objetos produzidos, pois frequentemente observamos transformações intensas ocorrendo em intervalos de tempo cada vez menores. Segundo Dorfles, essa transitoriedade é observada no próprio cotidiano, quando é possível deparar-se com “novos edifícios acabados de construir, para se avistar junto deles outros já em vias de demolição: basta considerar a variabilidade da moda feminina, das modas artísticas, literárias, poéticas”.¹¹¹

A idéia do consumo rápido, do transitório, tem mais impacto do que o eterno, havendo espaço no cotidiano das pessoas para ser plenamente aceito qualquer tipo de novidade e, desse modo, admitida a obsolescência precoce de fatos e objetos. Presenciamos, nos dias de hoje, a dinâmica da sociedade “do descarte”.

No ambiente urbano, encontramos as marcas e indícios dessa rápida obsolescência e abundância: a profusão dos objetos, de idéias e de informações comprovam a todo instante a presença do temporário. Concordamos com a afirmação de Baudrillard acerca da produção intensa dos objetos nas sociedades de consumo, pois

o amontoamento, a profusão revela-se evidentemente como traço descritivo mais evidente. Os grandes armazéns, com a exuberân-

¹¹⁰ BAUDRILLARD, 1976, p. 58.

¹¹¹ DORFLES, 1965.

cia de conservas, vestidos, bens alimentares e de confecção constituem como que a paisagem primária e o lugar geométrico da abundância (...). No amontoamento, há algo mais que a soma dos produtos: a evidência do excedente, a negação mágica e definitiva da rareza, a presunção materna e luxuosa da terra da promessa.¹¹²

É importante frisar, que em meio a essa profusão de objetos e informações existe um tema constante que determina a essência dessa época em que nos encontramos – a necessidade de consumir:

consumir, como consumir-se. O consumo – tanto entendido transitivamente no sentido de consumir algo, de se servir, não só de alimentos, mas também da cultura, da arte, da ciência, de maneira quase ‘comestível’, como entendido intransitivamente no sentido de ‘consumir-se’, do desgastar-se, do estar sujeito à entropia e à obsolescência, de um determinado fenômeno – é sem dúvida umas das constantes basilares da nossa era...¹¹³

Mesmo considerando em outros períodos históricos a presença da obsolescência, tanto de produtos quanto de idéias, implicando constante reciclagem ou mesmo o consumo maior do que o necessário à sobrevivência – também uma forma de desperdício e dilapidação dos meios e do ambiente –, os dias atuais têm sua marca própria: a presença do consumo de massa. Agora, os objetos e os acontecimentos são concebidos para durar pouco, muito pouco; a sociedade de consumo traz em si a necessidade de uma ordem passageira, ou ainda, como define Baudrillard, nela os objetos são produzidos não em função do seu valor, mas em função da sua morte. “O que hoje se produz não se fabrica em função do respectivo valor de uso ou da possível duração, mas antes em função da sua morte, cuja aceleração só é igualada pela inflação dos preços.”¹¹⁴

Esta renovação acelerada dos objetos e dos fatos tende a ser facilmente aceita pela sociedade, em geral sem oferecer resistência à adoção dessas inovações: muitas vezes, a própria publicidade, com discurso produzido em defesa do consumo, tende a enfatizar a necessidade de subjugar-se aos encantos do valor/moda, ou ainda, aos imbatíveis argumentos de “progresso”.

Presenciamos, em diferentes níveis e escalas a volatilidade e efemeridade da moda, das técnicas de produção, dos produtos, dos processos de trabalho, das idéias e ideologias, de valores e práticas estabelecidos. Particularmente ajudados pela publicidade, não limitada a meramente informar, mas, sobretudo em um mundo marcado pela presença das imagens, utiliza técnicas sofisticadas para manipular gostos, padrões de exigência e necessidades, e para difundir a própria modernidade.

A perturbação do novo destrói as lembranças. O espaço na atualidade tende a ser a ausência do tempo. O cotidiano é mais de que nunca a representação dessas novas velocidades, das emoções descartáveis e do *happening*.

Observamos, então, que as transformações específicas do objeto de estudo apresentado constituem uma clara evidência dessa permeabilidade entre diferentes pontos do território, onde a particularidade local reúne um número cada vez maior de variáveis. O local tende agora a ser redefinido a partir de uma reação a determinações mais amplas, determinações estas que extravasam a particularidade local, como sugere Ana Fani:

Repensar a identidade do lugar cada vez mais dependente e construída no plano da mundial faz com que, hoje, a história do lugar passe cada vez mais pela história compartilhada que se produz além dos limites físicos do lugar, isto é, de sua situação específica. Assim, a situação muda na trama relativa das relações que ele

¹¹² BAUDRILLARD, 1976, p. 16.

¹¹³ DORFLES, 1965, p. 221.

¹¹⁴ BAUDRILLARD, 1976, p. 56.

estabelece com os outros lugares no processo em curso de globalização que altera a situação dos lugares porque relativiza o sentido de localização.

O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial e a especificidade histórica do particular.¹¹⁵

Mesmo considerando ser inerente a qualquer ato de construção um processo de destruição de algumas formas preexistentes, verificamos em nosso objeto de estudo uma acentuada obsolescência. Nesse ritmo de transformações, ficou evidente a fragilidade da memória urbana em relação a esse logradouro público de Santa Bárbara, persistindo apenas algumas lembranças esparsas e, sobretudo, uma indagação latente: agora, o que vai acontecer com nossa praça?

Assim, dentro da tendência anteriormente esboçada, na qual novos ritmos e velocidade da vida moderna não cedem muito espaço à contemplação, acreditamos que o arquiteto possa propor um ambiente que ofereça melhores condições de interação entre usuários e espaço produzido. “O arquiteto pode contribuir para criar um ambiente que ofereça muito mais oportunidades para que as pessoas deixem suas marcas e identificações pessoais, que possa ser apropriado e anexado por todos como um lugar que realmente lhes ‘pertença’.”¹¹⁶

Portanto, sugerimos que o espaço público seja reconquistado pelos usuários como uma possibilidade atraente: que este usuário sintam-se motivado e identifique-se com este suporte material. Nesse sentido, apontamos a reconciliação entre o espaço privado e o espaço público enquanto artifício para a elaboração de espaços de transição. Acreditamos ser essa uma ten-

tativa de recuperar parte da qualidade espacial que se perdeu no tempo. Uma integração mais efetiva entre tais espaços poderia aumentar a permanência das pessoas. Assim, destacamos como realização possível o prolongamento das fachadas dos edifícios que circulam a praça, através de toldos, arcadas, marquises, bancos, que possam em conjunto contribuir para amenizar a brusca divisão entre espaço interior e exterior. As saliências das coberturas podem ainda abrigar da chuva e do sol, além de criar um novo diálogo entre o interior e exterior, possibilitando, assim, a permanência dos usuários e proporcionando o convívio entre os frequentadores do Largo da Matriz.

Como sugere Cullen, que esses recintos abertos para o exterior sejam um “local tranquilo, onde os passos ressoam e a luminosidade é atenuada, onde se fica apartado do burburinho da rua e se desfruta, simultaneamente, o exterior, de um ponto de observação bem situado e seguro”.¹¹⁷ Dessa forma, acrescenta esse autor, torna-se possível perceber no sossego do largo, da praça ou do pátio a presença da escala humana.

Até que ponto uma proposta arquitetônica pode estimular os contatos sociais? Ao considerarmos que uma proposta arquitetônica deva contribuir para a interação social, não queremos dizer que tudo passe pelo crivo do desenho urbano. Mas, sem dúvida, uma elaboração projetual pode favorecer em muitos aspectos uma qualidade espacial relevante.

E, para finalizar, sugerimos que seja atenuada a valorização do espaço do veículo e resgatada a importância do espaço do pedestre, assim como que seja superada a grande separação entre espaços públicos e privados, recuperando a possibilidade de ampliar a vida social no ambiente coletivo.

¹¹⁵ CARLOS, 1996, p. 28.

¹¹⁶ HERTZBERGER, 1996, p. 47.

¹¹⁷ CULLEN, 1991, p. 27.



Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

O povo na missa de sétimo dia do Cel. Luiz Alves de Almeida. Vista da parte frontal da matriz a partir da Praça Rio Branco, em 4 de dezembro de 1936. O espaço sacro envolve o espaço público da praça, denunciando uma sobreposição de usos, mas com primazia reservada às normas eclesiásticas.



Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

O espaço exterior da matriz perdeu a expressão sacra. Com a retração desta função, evidencia-se a secularização do Largo da Matriz (anos 60).

Fonte: Maria Cecília Linardi.

Calçadão da Rua Santa Bárbara.
Aqui ainda é possível reconhecer
algumas edificações da década
de 40 que conseguiram
subsistir (1999).



Fonte: Maria Cecília Linardi.

**Mesmo sendo um espaço de uso
exclusivo do pedestre, por ser um
calçadão, sua apropriação como
tal é muito restrita. Resume-se
a um local de passagem, não
de permanência (1999).**





Fonte: Maria Cecília Linardi.

Nessa vista da Rua Gen. Osório, é possível ainda observar a presença de um gabarito abaixo das construções, proporcionando uma tipologia até certo ponto homogênea (1999).



Fonte: Maria Cecília Linardi.

O apelo excessivo aos letreiros e o tratamento de fachadas mascarando a arquitetura original que se esconde atrás resultam em uma perda substancial da qualidade dessa paisagem urbana (1999).

Fonte: Maria Cecília Linardi.

Nesse panorama da Rua Santa Bárbara, percebemos a nítida ruptura entre espaço interior e o exterior, sem qualquer indicação de arranjo espacial que proporcione uma transição entre esses dois ambientes (1999).



Fonte: Maria Cecília Linardi.

Vista da Rua Dona Margarida, a passagem do transeunte entre os carros revela outro aspecto a ser considerado: a necessidade da superação da fragilidade do pedestre nesse contexto (1999).





Fonte: Maria Cecília Linardi.

Vista da Praça Cel. Luiz Alves, a partir da frente da matriz. Fica comprometida a perspectiva visual, em função da adoção da diferença de nível no centro da praça. Esse partido urbanístico dificultou a visualização da praça e o próprio acesso e circulação das pessoas no interior a praça (1999).



Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

De modo diferente da situação atual, a configuração da praça dos anos 30 permitia uma visualização mais ampla da praça e do seu entorno.

Fonte: Maria Cecília Linardi.

Centro da praça atual, onde é visível o destaque dado ao palco no primeiro plano e, ao fundo, uma exuberante vegetação dando um cercamento à praça. É importante notar que a paisagem urbana é outra na atualidade, merecendo uma reflexão mais detida sobre essa centralidade que a Praça parece esboçar (1999).



Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.

Praça na década de 30, vista a partir da Rua Prudente de Moraes, mantendo outra relação de escala com o edifício e a vegetação.





Foto: Augusto Strazdin.

Fonte: Fundação Romi, Arquivo Histórico.

Vista da Praça Rio Branco e, ao fundo, a Rua Santa Bárbara (década de 30).



Fonte: Maria Cecília Linardi.

Mesmo ângulo da foto anterior, vista da Praça Rio Branco atualmente. A comparação entre essas duas imagens pode revelar mais do que mudanças físicas, e evidenciar transformações em termos da própria sociabilidade (1999).



Foto: Augusto Strazdin.

*Fonte: Fundação Romi,
Arquivo Histórico.*

**Parte frontal da matriz na
metade da década de 60,
com frota de taxistas.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 1976.
- BÉGUIN, F. *Le Paysage*. Paris: Flammarion, 1995.
- BLOOMER, K. & MOORE, C. *Cuerpo, Memória y Arquitectura*. Madrid: H. Blume Editions, 1983.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Edusp, 1987.
- CARLOS, A.F.A. *Lugar no/do Mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CLEMENT, G. *Le Jardin en Moviment*. Paris: Sens & Tonka Éditeurs, 1994.
- CULLEN, G. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- DORFLES, G. *Novos Ritos, Novos Mitos*. Lisboa: Edições 70, 1965.
- FRANCO, M.R.F. *Desenho Ambiental*. São Paulo: Annablume Editora, 1997.
- HERTZBERGER, H. *Lições de Arquitetura*. São Paulo. Livraria Martins Fontes, 1996.
- KLIAS, R.K. *Parques Urbanos de São Paulo*. São Paulo: Pini, 1993.
- KRIER, R. *El Espacio Urbano*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1981.
- LAMAS, J.M.R.G. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.
- LYNCH, K. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1980.
- MARX, K. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- MARX, M. *Cidade no Brasil: terra de quem?* São Paulo: Edusp, 1991.
- _____. *Nosso Chão: do sagrado ao profano*. São Paulo: Editora da USP, 1988.
- _____. *Cidade Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/Editora da USP, 1980.
- PROST, A. *História da Vida Privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, v. 5.
- ROCA, M.A. Hacer ciudad. *Cadernos Brasileiros de Arquitetura*, São Paulo, (12), 1984 [encarte].
- SANSOT, P. *Jardins Publics*. Paris: Editons Payot & Rivages, 1995.
- SANTOS, M. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- SANTOS, C.N.F. O Rio de Janeiro, o que transforma e em que é transformado. *Cadernos Brasileiros de Arquitetura*, São Paulo, (12): 99-116, 1984.
- SEGAWA, H. *Ao Amor do Público: jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1996.
- SHERWOOD, C. *Adeus a Berlim*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- STEVENS, D. *The Garden Design Sourcebook*. London: Conran Octopus, 1995.
- ZUYLEN, G. *Tous les Jardins du Monde*. Gallimard: Decouvertes, 1994.

PELA FORMAÇÃO DA CIDADANIA CULTURAL DA COMUNIDADE



Instituída pelo casal OLÍMPIA e AMÉRICO EMÍLIO ROMI, em 29 de junho de 1957, a **Fundação Romi** tem como um dos seus objetivos estatutários, a preservação da história da cidade de Santa Bárbara d'Oeste e do seu processo de desenvolvimento econômico, cultural e social. Esta ação é realizada através do seu **Arquivo Histórico**, cujo acervo é composto de uma hemeroteca com a maior coleção de jornais que circularam na cidade, de 1900 até os dias atuais, um enorme material iconográfico e inúmeros objetos utilizados desde aquela época.

O Arquivo Histórico é procurado atualmente por estudantes de diversos níveis de ensino, do fundamental ao universitário, incluindo-se pós-graduandos, mestrandos e doutorandos.

Utilidade Pública Estadual – Decreto n.º 35.527/59

Utilidade Pública Federal – Decreto n.º 655/62

Certificado de Entidade Filantrópica: Processo (CNAS) n.º 81.603/60



Fundação Romi

Av. Monte Castelo, 1.095 – Jd. Primavera
Fone (19) 3455-1055 – Fax (19) 3455-1345
13450-285 – Sta. Bárbara d'Oeste/SP
www.fundacaoromi.org.br
fundacaoromi@fundacaoromi.org.br



*Natural de Lucélia (1954),
interior de São Paulo,*

MARIA CECÍLIA

NOGUEIRA LINARDI

*cursou a Faculdade de Arquitetura
e Urbanismo da Pontifícia Universidade
Católica de Campinas. Complementou
seus estudos na Universidade Federal
do Rio de Janeiro, com o título de mestrado
em Planejamento Urbano e Regional,
e, na Universidade de São Paulo,
doutorou-se no curso de Geografia Urbana.
Atualmente é professora da UNIMEP,
na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,
campus de Santa Bárbara d'Oeste, SP.*



Fundação Romi

 **UNIMEP**
Universidade Metodista de Piracicaba

